

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

Lívia Alessandra Campos Monteiro

**Representação, ideologia e lugar de fala na “Carta Aberta ao Brasil” de
Mark Manson**

Monografia

Mariana

2017

Lívia Alessandra Campos Monteiro

Representação, ideologia e lugar de fala na “Carta Aberta ao Brasil” de Mark Manson

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. ^a Dr.^a Denise Figueiredo Barros do Prado

Mariana

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

M775r Monteiro, Livia Alessandra Campos
Representação, ideologia e lugar de fala na "Carta
Aberta ao Brasil" de Mark Manson [recurso eletrônico]
/ Livia Alessandra Campos Monteiro.-Mariana, MG, 2017.
1 CD-ROM; 4 3/4 pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social - DECSO/ICSA/UFOP

1. Análise do discurso - Teses. 2. MEM. 3. Ideologia
- Aspectos sociais - Teses. 4. Monografia. I.Prado,
Denise Figueiredo Barros do. II.Universidade Federal de
Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas -
Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço
Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 81'42
: 15
: 1418945

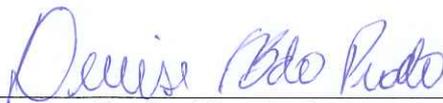
Lívia Alessandra Campos Monteiro

Curso de Jornalismo – UFOP

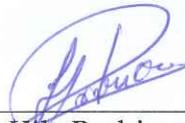
REPRESENTAÇÃO, IDEOLOGIA E LUGAR DE FALA NA
“CARTA ABERTA AO BRASIL” DE MARK MANSON

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado.

Banca Examinadora:



Profª. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado



Profª. Dra. Hilda Rodrigues



Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

Mariana, 25 de agosto de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família. À minha mãe, por ter confiado em mim para que eu pudesse traçar essa jornada que encerro agora. Foi você quem me deu coragem, incentivo, além das mais importantes lições. Você é o meu melhor exemplo de mulher poderosa, inteligente, determinada e, sem você, eu não seria quem me tornei hoje. Ao meu pai, por acreditar na minha capacidade, no meu potencial e, principalmente, por sonhar os mais altos sonhos para mim. Você me faz querer evoluir sempre. À minha irmã, por ser meu porto seguro e meu equilíbrio, a metade que me completa. Nada no mundo se compara ao amor de irmã e sou mais feliz por ter você ao meu lado. À Marina, minha sobrinha, por me dar um motivo a mais para querer voltar para casa como jornalista. Agradeço também à Vó Luiza, ao Vô Antônio e ao Vô Zé, que encheram minha infância de amor e carinho, me proporcionando as lembranças deliciosas que carrego comigo. Ao padrinho San, por ser um parceiro que acredita em mim. Aos meus tios e tias, primas e primos, por me acompanharem mesmo a distância e por me receberem em casa sempre com abraços apertados. Ao Lu, por ter topado viver ao meu lado tantas aventuras e viagens de carona, e por me proporcionar a “bagagem” que temos hoje. As minhas amigas e amigos de Jacareí, especialmente aos amigos do Lado Direito, por torcerem por mim e por se manterem próximos mesmo à distância. Aos amigos que fiz na faculdade, por preencherem meu trajeto em Mariana com mais alegria. Aos colegas de trabalho, por acreditarem em mim como profissional, ficarem ao meu lado nessa reta final e me incentivarem diariamente. Aos amigos de Lille e aos amigos brasileiros de Lille, Gabriel Bueno, Gabriel Marra e Bia, por terem me segurado, me abraçado e por terem compartilhado comigo as experiências de 2016. Agradeço também à oportunidade de ter estudado na França, pois essa experiência mudou minha vida para sempre e trouxe lucidez para crenças muito importantes que carregarei eternamente comigo. À Universidade Federal de Ouro Preto, por ter me dado a oportunidade de estudar numa universidade pública gratuita e de qualidade, e por ter mudado a minha vida. Tenho muito orgulho de carregar comigo a marca da UFOP. Aos meus professores, por serem tão dedicados pelo nosso curso e por nos oferecerem o ensino de qualidade, além de nos inspirarem como futuros jornalistas. À minha professora e orientadora Denise, por ter me acompanhado desde o início da faculdade acreditando no meu potencial, me dando mais certeza sobre o meu amor à vida acadêmica e sendo para mim um exemplo de dedicação e seriedade. Aos demais professores que passaram pela minha vida, incluindo minha mãe, por me mostrarem como um professor pode fazer diferença na vida de alguém. Por vocês, eu também quero fazer diferença na vida de algumas pessoas no futuro. À cidade de Mariana, que me acolheu e me mostrou que há mundo além de São Paulo, que é possível ser feliz com a vida simples de interior, e por ter me aberto os olhos sobre tantas coisas importantes. Também agradeço aos breves momentos, como as manhãs ensolaradas que me fizeram sorrir, às paisagens lindas que vi nesses últimos quatro anos, às pessoas que passaram pela minha vida com pequenas conversas ou pequenas lembranças, aos momentos passageiros, aos sorrisos que recebi e às conversas agradáveis que tive. Estes momentos simples preenchem minha vida e, nesses 4 anos e meio, momentos casuais foram mais do que passageiros. Sem todas essas pessoas e coisas, eu não teria concluído essa etapa. Meu eterno amor e obrigada!

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar a construção de sentido e da representação de brasileiro na narrativa de um post chamado “Uma Carta Aberta ao Brasil”, do blog do estadunidense Mark Manson. A análise busca produzir uma discussão sobre a construção de sentido e legitimidade na narrativa do post. Nossa discussão teórica conta com o suporte dos conceitos de ideologia de Thompson (2011) e Eagleton (1997), representação de Moscovici (2001) e Jodelet (1993), interpelação de Hall (2011), interação verbal de Bakhtin (2009), construção de alteridade de Dionízio (2011) e identidade discursiva de Charaudeau (2009). A Carta foi analisada a partir de quatro eixos: “os interlocutores da Carta Aberta ao Brasil”, “os problemas brasileiros”, “construção dos brasileiros na Carta - Você e “os brasileiros” e “a legitimidade de Mark Manson”. Estes nos permitiram concluir que a Carta se encontra dentro de um fenômeno possibilitado pela internet em que blogueiros são legitimados e opiniões são apresentadas como verdade. Verificamos também que a narrativa é publicada em um contexto político brasileiro em que discursos inflados são recorrentes, sendo a Carta Aberta ao Brasil apenas um entre milhões de discursos opinativos.

Palavras-chave: representação, ideologia, Uma Carta Aberta ao Brasil, alteridade.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the construction of meaning and representation of Brazilian in the narrative of a blog post called "An Open Letter to Brazil", by the American blogger Mark Manson. The analysis seeks to produce a discussion about the construction of meaning and legitimacy in the narrative of a post, with the support of the concepts of ideology and representation, interpellation of the other, verbal interaction, construction of alterity and discursive identity. The Letter was analysed from four axes: “the interlocutors from An Open Letter to Brazil”, "brazilian's problems", "brazilian's construction in the letter – you and ‘brazilians’" and "Mark Manson's legitimacy". Those allowed us to conclude that the Letter is found inside an context made possible by internet, where bloggers are legitimated and opinions are showed as true. We also verified that the narrative is published in a brazilian's politic context in which inflated speeches are regular, being An Open Letter to Brazil just one between thousands of opinative speeches.

Keywords: representation, ideology, An Open Letter to Brazil, alterity.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – IDEOLOGIA, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E LUGAR DE FALA	11
1.1 Conceito de ideologia: introdução das concepções neutras e críticas	11
1.2 Modelos de operação da ideologia	13
1.3 Ideologia como sistema de representação	16
1.4 Representação social	19
CAPÍTULO 2 – A RELAÇÃO ENTRE EU E O OUTRO NA NARRATIVA	22
2.1 A construção de uma narrativa sobre o outro	22
2.2 O outro que também é socialmente organizado.....	24
2.3 A instabilidade discursiva	26
2.4 Identidade Social, identidade discursiva e a influência discursiva.....	27
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE	30
3.1 A Carta	30
3.2 O lugar de fala como operador metodológico	33
3.3 Eixos de análise.....	35
Eixo 1 – Os interlocutores da Carta Aberta ao Brasil	36
Eixo 2 - Os problemas brasileiros	44
Eixo 3 – Construção dos brasileiros na Carta - Você e “os brasileiros”	51
Eixo 4 – A legitimidade de Mark Manson	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, a internet e as redes sociais propiciam um momento complexo para a comunicação. Por um lado, vemos o jornalismo tradicional lutando por sua sobrevivência. Isso porque a internet mudou a forma como recebemos as notícias, demandando a imprensa várias adaptações. Nesse tempo, alguns veículos consolidados fecharam suas redações. Outros, adaptaram-se encerrando suas edições impressas e fazendo transições para plataformas online. As demandas do mercado iniciaram uma luta pela manutenção da arrecadação dos veículos. Assim, há hoje uma busca constante por alternativas para a mídia tradicional, indo de assinaturas para leitores a uma experiência online repleta de publicidade.

Por um outro lado, vemos novas fontes de notícias buscando espaço e expandindo diariamente relevância em nossa sociedade. A imprensa alternativa, por exemplo, tem surgido com novos canais de comunicação na internet. Estes, além de trabalharem pela desmonopolização da notícia, exploram amplamente para produzir seu conteúdo a lógica comunicacional possibilitada pela internet, *smartphones* e mídias sociais. As fontes de notícias alternativas vêm adquirindo mais leitores, que passam a confiar em seu conteúdo.

A internet proporcionou ainda a criação de mídias sociais, que se tornaram suporte para a multiplicação de informações, relatos, opiniões, debates e discussões sobre as mais diversas temáticas. Mais do que nunca, há variadas formas para uma pessoa disseminar algo na internet. Por exemplo, uma motorista pode informar um acidente que bloqueia uma estrada; um morador de um bairro pode publicar um vídeo exibindo buracos no asfalto e pedir uma ação da prefeitura; um acontecimento político pode ser opinado sob diferentes perspectivas por várias pessoas; um fã pode testar e fazer uma crítica sobre um novo jogo de videogame.

Indivíduos ganharam através das mídias sociais novos meios para se expressar sobre qualquer coisa, para milhares de pessoas, bastando ter acesso a internet e escolher um suporte. Com isso, passa a existir um cenário em que todos querem expressar a todo o momento o que acreditam. Vivemos em um jogo de performance em busca da opinião mais legítima, da palavra de autoridade, da verdade sobre determinado assunto. Seja através de um blog, *YouTube* ou redes sociais, falas podem reverberar das mais diversas origens e alcançar milhares de pessoas, tudo a um passo de um clique, *retweet*¹, compartilhamento ou um *like*²:

¹ Ato feito por um usuário do Twitter ao compartilhar uma publicação feita por outro usuário na rede social.

² Conhecido também como curtida, é o ato de um usuário das redes sociais mostrarem que gostaram de uma publicação de outro usuário nessa rede social.

A blogosfera está tomando proporções cada vez maiores e está se tornando uma forma popular e diferenciada de obtenção de informação. São milhões de pessoas interligadas que comentam sobre suas experiências, opiniões, notícias, empresas, produtos e lançamentos, constituindo um verdadeiro ‘fórum mundial’. (BERTOLINO, 2010, p. 09)

Esse fórum mundial, apesar de não ter um compromisso com a notícia e com a verdade – como possuem, a princípio, a imprensa tradicional e alternativa – permite que algumas pessoas e suas falas ganhem legitimidade e reconhecimento. Essa legitimidade obtida, contudo, muitas vezes é confundida com uma verdade informada por esses usuários. Isso porque “[...] pela comunicação também são reproduzidos sistemas de ideias, ideologias são materializadas e perpetuadas, relações de força mantidas, consensos e padrões hegemônicos constantemente recriados.” (DIONÍZIO, 2011, p. 17). Como um exemplo disso, a fala de blogueiros³ deixa de ser entendida em muitas ocasiões apenas como opinativa e passa a ganhar autoridade e aceitação.

Em nossa pesquisa, analisaremos um caso desse cenário em que é possível se expressar sobre tudo através das mídias sociais. Nosso objetivo nesta pesquisa é, portanto, analisar, a construção de sentido e da representação de brasileiro na narrativa de um post de blog chamado “Uma Carta Aberta ao Brasil”, do blogueiro estadunidense Mark Manson. Neste post, o blogueiro desenvolve uma análise opinativa sobre o Brasil evidenciando os motivos pelos quais, segundo ele, o Brasil “é tão ferrado” (MANSON, 2016).

A Carta busca argumentar ao leitor, baseado na vivência do enunciador no Brasil, o que seriam os problemas do país. A Carta pretende mostrar que, mais do que problemas econômicos, políticos e sociais, os problemas brasileiros estariam focados nos cidadãos do país. Para apresentar essa argumentação, o autor pontua alguns elementos-chave do que seriam os problemas brasileiros: o egoísmo, a vaidade e superficialidade e o fato do brasileiro evitar o confronto e recompensar vítimas. Para cada um desses problemas, a Carta ilustra exemplos de como esses se aplicariam no dia-a-dia do brasileiro. Além de apresentar os problemas, a Carta também propõe soluções que o enunciador julga ser conveniente para a resolução de tais problemas, como forma de “incentivar” o brasileiro a resolver os problemas percorridos na narrativa propondo uma “revolução interna” aos seus leitores.

A Carta de Mark Manson foi escolhida para essa pesquisa por ter reverberado no cenário brasileiro de forma intensa, tanto nas redes sociais quanto na imprensa. Só no *Facebook*,

³ Pessoas que são autoras de blogs ou utilizam a internet e as redes sociais para expressar opiniões, escrever conteúdo ou compartilhar informações. Diferente dos demais usuários das redes sociais e blogs, os blogueiros são lidos, se auto-reconhecem ou são reconhecidos e referenciados por um público.

a carta foi compartilhada mais de 285 mil vezes. Uma elocução da Carta também foi assistida no *YouTube* mais de 135 mil vezes.

O autor da Carta, Mark Manson, é um estadunidense de 33 anos, nascido em Austin, no estado do Texas, formado em Finanças. Se autointitulando “Autor, pensador, entusiasta da vida”, Manson possui um blog sobre suas dicas de vida e suas experiências viajando — ele afirma ter conhecido em cinco anos exatamente 55 países⁴ — Além de publicar em seu blog, Manson também oferece para venda em seu blog livros e cursos sobre estilo de vida⁵ escritos por ele.

Identificamos Mark Manson como um dos milhares de exemplos do fenômeno dos blogs, e da forma como vivemos em um cenário em que todos querem mostrar suas opiniões e legitimá-las. Considerando a construção do texto da Carta Aberta ao Brasil, nossa investigação será orientada pela reflexão da representação do Brasil trazida por Mark Manson em sua Carta, buscando produzir uma discussão sobre a construção de sentido e legitimidade na narrativa de um post.

A fim de dar suporte e orientar a investigação, nos apoiaremos nos conceitos de ideologia e representação. A discussão desenvolvida ao redor da ideologia nos auxiliará a entender a presença ideológica na prática social, além de nos atentar aos traços ideológicos sempre presentes em todos os discursos. Além disso, considerando como a ideologia atravessa formas de representação, a teoria nos ajudará a discutir a representação social referente ao Brasil através da qual Mark constrói sentido em sua Carta.

Para tratarmos as temáticas da investigação, faremos na sequência um debate teórico utilizando o lugar de fala como operador metodológico para discutir o jogo representacional marcado por ideologias conflitantes. Da mesma forma, desenvolveremos adiante uma discussão teórica envolvendo a análise discursiva, através da interação verbal como fenômeno social importante para a constituição dos sujeitos. Evidenciaremos aí o papel dos interlocutores de fala e de seus posicionamentos e ideologias na construção de um discurso.

⁴ De acordo com seu post <https://markmanson.net/5-life-lessons-5-years-traveling-world>

⁵ Um de seus livros é intitulado “Models: attract women through honesty”, em tradução minha “Modelos: atraia mulheres através da honestidade”, que é caracterizado no site de Manson como um “guide on how a man can attract women without faking behavior” em tradução minha “Guia sobre como homens podem atrair mulheres sem fingir comportamentos.” De acordo com seu post <https://markmanson.net/books>

CAPÍTULO 1 – IDEOLOGIA, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E LUGAR DE FALA

A fim de situar a perspectiva em que se insere essa pesquisa, é preciso trazer à tona três conceitos. Primeiramente, discutiremos o conceito de ideologia e sua presença constante na prática social, buscando evidenciar como todos discursos e fenômenos estão inseridos e possuem traços ideológicos. Em segundo lugar, abordaremos as representações sociais e em sua importância na vida social, a fim de dar sentido a repercussão, concordância ou discordância da Carta do estadunidense Mark Manson. Ao fim, levaremos em consideração o lugar de fala como operador metodológico responsável por nos guiar em nossa discussão relativa a construção representacional e ideológica.

Esse capítulo propõe uma discussão conceitual e teórica, introduzindo os dois conceitos e interligando-os. Ao fim desse debate, pretendemos ser capaz de articular os dois conceitos e atribuí-los a importância devida a essa temática. Dessa forma, as abordagens aqui expostas servirão como embasamento para a análise da Carta Aberta ao Brasil e sua repercussão.

1.1 Conceito de ideologia: introdução das concepções neutras e críticas

O conceito de ideologia tem seus primórdios pós-Revolução Francesa, ainda no século XVIII. Desde então, até os dias de hoje, o termo foi integrado a diversas concepções. Relevante para a teoria marxista, o termo diferenciou-se desde sua primeira formulação e tomou diversos rumos, tendo sido expandido, complementado e alterado. Thompson (2011) visando propor uma nova conceituação do termo, se dedica previamente a uma classificação das concepções mais relevantes já criadas do conceito durante todo seu contexto teórico, categorizando uma a uma. Essa categorização envolve duas categorias: as *concepções neutras* e as *concepções críticas*.

A *concepção neutra*, de acordo com Thompson (2011) tentaria caracterizar fenômenos como ideológicos sem implicar que eles sejam necessariamente ligados a interesses de grupos particulares. Assim, essas concepções não acreditam que a ideologia deve ser enfrentada para ser derrotada e acabada, já que estariam presentes, de acordo com o autor, na vida social sem desejarem necessariamente transformações ou preservação da ordem social.

Para a concepção neutra, que identifica a ideologia sem obrigatoriamente considerar nela a busca por interesses de grupos particulares, “a ideologia pode ser necessária tanto para

manter submissos os grupos, em sua luta contra a ordem social, como para os grupos dominantes, na sua defesa do *status quo*” (THOMPSON, 2011, p. 73). Podemos dizer que a partir dessa concepção, a ideologia seria capaz de estar presente em diversas situações através da prática simbólica de forma inofensiva. Isso porque ela não teria impreterivelmente o objetivo de gerar mudanças ou preservar questões relativas a poder e a ordem.

Já a *concepção crítica* da ideologia é classificada por Thompson a partir de seu sentido negativo, crítico ou pejorativo. Ela seria sempre ligada a mentiras, sendo assim uma ferramenta usada por aqueles que querem dominar e enganar, como um instrumento para manter certo grupo sob uma perspectiva benéfica ao grupo dominante.

Indo muito além da dominação de classe, Thompson faz questão de exemplificar diversos tipos de dominação ideológica presentes na nossa sociedade, como as relações e as lógicas de existência e poder entre diferentes estados-nação, entre grupos étnicos e suas posições na sociedade, entre homens e mulheres e a desigualdade presente nas posições de poder dos diferentes sexos ainda existente na atualidade.

As diversas concepções críticas de ideologia foram construídas com argumentos distintos para justificar o sentido negativo da ideologia. Esses argumentos são apresentados por Thompson como *critérios de negatividade*. Nessa classificação, as ideologias teriam objetivos abstratos ou impraticáveis, seriam errôneas ou ilusórias, expressariam interesses dominantes ou sustentariam relações de dominação.

Após apresentar as concepções críticas e neutras da ideologia, Thompson busca formular sua própria conceituação do conceito. O autor afirma que sua análise da ideologia está “[...] interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder” (THOMPSON, 2011, p. 75). Para o autor:

[...] estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação. (THOMPSON, 2011, p. 76, grifo do autor)

A partir dessa definição de ideologia, podemos concluir que é primordial considerar o contexto sócio-histórico ao pensar relações de dominação. Só assim o conceito proposto por Thompson faz sentido. Indo além do contexto sócio-histórico, situar o contexto, a situação social e o momento temporal referido também são importantes de acordo com o autor ao analisar a ideologia.

Thompson busca se distanciar das demais concepções do conceito de ideologia através de três premissas. O primeiro distanciamento é que, em sua conceituação, não deve se ater

apenas à carga negativa, ilusória, falsa ou impraticável sobre a qual a concepção crítica trata a ideologia. Essa consideração deve ser analisada com cautela, já que “a caracterização dos fenômenos simbólicos como ideológicos não implica diretamente e necessariamente que estes fenômenos sejam epistemologicamente falhos” (THOMPSON, 2011, p. 77).

O segundo distanciamento é relativo a importância dada às relações de classe nas concepções anteriores, especialmente nas concepções marxistas. Tendo sempre como eixo principal as classes dominantes e a manutenção do *status quo* entre quem domina e quem é dominado, tais concepções deixaram de considerar outros elementos conflitantes e de dominação. Assim, considerando o eixo-estrutural da sociedade moderna, Thompson (2011) busca considerar também “[...] outros tipos de dominação, tais como as relações sociais estruturadas entre homens e mulheres, entre um grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem do sistema global” (THOMPSON, 2011, p. 78). Essa última relação, em especial, tem grande relevância para nossa análise e será retomada em breve.

O último distanciamento refere-se à consideração da tradição como mantenedora das relações sociais na conceituação proposta por Marx. Refutando essa premissa, Thompson (2011) explica que as formas simbólicas estão, contínua e criativamente, implicadas na constituição da realidade social como tal. Assim, o autor considera:

(...) maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para *estabelecer e sustentar* relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas. (THOMPSON, 2011, p. 79)

A noção de sentido, a partir daí, passa a ser importante para a análise. Para Thompson (2011) “o sentido com o qual estamos interessados é o sentido das formas simbólicas que estão inseridas nos contextos sociais e circulando no mundo social” (THOMPSON, 2011, p. 79). O contexto social mostra-se decisivo para que determinados grupos sociais sejam dominados e outros sejam agentes de poder. Assim, preocupado com as formas em que o sentido estabelece e sustenta relações de dominação, o autor desenvolve modos de operação da ideologia.

1.2 Modelos de operação da ideologia

Afirmando que sua concepção de ideologia pode ser uma base útil para análise da ideologia e a análise concreta dos fenômenos sócio-históricos, Thompson propõe modos de

operação da ideologia. O autor apresenta cinco modos e suas estratégias típicas para sustentar essas relações de dominação:

1. *Legitimação*: racionalização, universalização e narrativização;
2. *Dissimulação*: deslocamento, eufemização e tropo (sinédoque, metonímia e metáfora);
3. *Unificação*: estandardização, simbolização da unidade;
4. *Fragmentação*: diferenciação, expurgo do outro;
5. *Reificação*: naturalização, eternalização e nominalização/passivização.

Para ele, essas seriam algumas das maneiras possíveis de como a ideologia opera em situações específicas em que as formas simbólicas adquirem caráter ideológico.

Inicialmente, a *legitimação* buscaria desenvolver apoio sobre determinada fala. Citando Weber, Thompson afirma que a legitimação pode ser baseada em fundamentos racionais, tradicionais ou carismáticos (2011, p. 82). Assim, a *racionalização* buscaria tornar uma fala crível, a *universalização* traria generalizações que falassem de coisas que podem ser alcançadas por qualquer um, e a *narrativização* reforçaria, através de relatos, uma ordem geral pré-estabelecida das coisas.

Já a *dissimulação* funcionaria no sentido de propor representações que descrevem de forma diferente determinado elemento. Esse modo de operação pode ser identificado através do deslocamento, numa referência de objetos que fazem sentido a outro. Ainda, a dissimulação pode funcionar a partir de figuras de linguagem, identificado por Thompson (2011) como tropo, incluindo a eufemização, a sinédoque, a metonímia e a metáfora.

Em terceiro lugar, a *unificação* funciona ao modo de operação da ideologia ao ponto que propõe padronizações e simbolizações da unidade. Esse modo específico está muito relacionado a união de pessoas em identidades coletivas, ignorando especificidades ou divergências, criando padronizações que não são obrigatoriamente reais. Esse modo será muito relevante para a nossa análise.

Ainda, a fragmentação funcionaria como modo de operação no sentido oposto a unificação, nesse caso, fragmentando pessoas e grupos, a partir da diferenciação, que explora as diferenças entre grupos, e também pelo expurgo do outro, na construção de um inimigo.

Por fim, a reificação opera a ideologia ao postular que determinadas situações seriam eternas, ignorando a possibilidade de mudança. Esse ato seria realizado através da naturalização, eternalização, nominalização e passivização

Dentro dessas diversas estratégias, algumas mostram-se mais eficientes para nossa análise. Essas, serão retomadas posteriormente. Ao fim da apresentação dos modos de operação, Thompson deixa claro que é importante examinar contextos específicos e circunstâncias determinadas para concluir se um sentido é mesmo forma de gerar dominação. Para Eagleton (1997) “o termo ideologia tem toda uma série de significados convenientes, nem todos eles compatíveis em si. Tentar comprimir essa riqueza de significado em uma única definição seria, portanto, inútil, se é que possível” (EAGLETON, 1997, p. 15). O autor também desenvolve uma espécie de modos de operação da ideologia. Apresentando-os como mecanismos ideológicos, o autor traz em paralelo 6 mecanismos que se assemelham as propostas de Thompson (2011). Eagleton apresenta a *unificação, orientação para a ação, racionalização, legitimação, universalização e naturalização*.

Para o autor, há dentro da ideologia o interesse em criar uma coesão entre os indivíduos, “o que lhes permite impor talvez uma certa unidade ao conjunto da sociedade” (EAGLETON, 1997, p. 50). Esse mecanismo coincide em partes com a fala de Mark Manson que analisaremos posteriormente, ao ponto que o autor, em sua Carta, fala dos problemas e defeitos de um brasileiro específico que foi criado e forjado no discurso, desconsiderando suas especificidades e diferenças.

Da mesma forma, há também a orientação para a ação. Eagleton chama esse ato de estado “prático” do discurso ideológico. Segundo o autor, esse estado é capaz de prover seus adeptos de metas, motivações, prescrições, imperativos. (1997).

Eagleton trabalha ainda a noção de racionalização, ao pensar que “...as ideologias podem ser tidas como tentativas mais ou menos sistemáticas de fornecer explicações e justificativas plausíveis para comportamentos sociais que, de outro modo, poderiam ser objeto de críticas.” (EAGLETON, 1997, p. 56). Nesse sentido, podemos avaliar as concepções racionais presentes no discurso ideológico que buscam definir, a partir de interesses sociais implícitos, o que é certo e errado dentro de uma sociedade ou grupo social.

Próximo a racionalização, segundo Eagleton (1997), está a legitimação. Ela explicitamente busca estabelecer o sentido de autoridade, legalidade e credibilidade. Para o autor: “um modo de dominação é geralmente legitimado quando os que estão submetidos a ele passam a julgar seu próprio comportamento pelos critérios de seus governantes” (EAGLETON, 1997, p. 59). Fazendo um paralelo, podemos pensar que o texto de Manson não trata de um governante, mas sim, de uma fala que busca legitimação e que provoca o leitor a pensar em comportamentos corretos e ideais para uma outra sociedade.

Em seguida, viria a universalização. A universalização de Eagleton varia da concepção apresentada por Thompson. Esta, de acordo com o autor, apresentaria valores e interesses que são na verdade específicos de uma determinada época ou lugar, mas que são projetados como valores e interesses de toda a humanidade (EAGLETON, 1997, p. 60). O autor faz ainda um paralelo importante ao tratar a universalização, afirmando que esse mecanismo não apenas envolve promover-se ao outro, mas também envolve descrever-se a si mesmo a fim de convencer as outras pessoas. (EAGLETON, 1997, p. 61).

Por fim, o autor evidencia a forma como a ideologia deve parecer natural. Nesse sentido, a realidade social seria intrínseca àquela ideologia, de forma que “a ideologia só poderia ser transformada se a realidade fosse de tal forma que a permitisse ser objetificada, mas a ideologia processa a realidade de maneira a antecipar-se a essa possibilidade.” (EAGLETON, 1997, 62.)

Considerando a fala ideológica edificada na narrativa que analisamos, consideraremos tanto os modos e mecanismos de operação da ideologia apresentados por Thompson e Eagleton para nossa análise. Com esse suporte, consideramos possível analisar como a ideologia é estruturada na Carta Aberta ao Brasil.

1.3 Ideologia como sistema de representação

Em nossa pesquisa, levamos em conta como os leitores se sentem convocados com a Carta Aberta ao Brasil. Para dar suporte teórico a uma noção de identificação, trazemos o debate de Hall (2011) sobre os ganhos teóricos de Althusser no campo do marxismo. Com esse suporte, teremos mais base para compreender os elementos presentes no discurso da Carta de Mark Manson que contribuem para que determinados sujeitos se posicionem ideologicamente de formas distintas.

Althusser refuta a ideia de Marx sobre a totalidade social ser uma estrutura simples. Ao contrário, Althusser evidencia a complexidade da prática social, considerando-a de extrema importância para entendermos a totalidade social. Nesse sentido, Hall trabalha a ruptura de Althusser ao considerar a complexidade e a contradição existente na sociedade.

A partir disso, torna-se importante a teorização da diferença. Para Hall, “Althusser foi quem me possibilitou viver na diferença e com ela.” (HALL, 2011, p. 152). O autor evidencia que é preciso se atentar e superar o hábito de, ao evidenciar a diferença, criar uma conformação posterior que demonstre uma unidade. Dando um exemplo dessa habitual condensação, Hall mostra como a linguagem, por mais diferente e única possível, é sempre abstraída, generalizada e emparelhada a fim de provar que existe uma forma geral de linguagem.

Evitando hábitos como esse, é preciso articular as diversas contradições sociais, pensando nas especificidades, diferenças, durações e modalidades nas sociedades, sem buscar determinações que as unam e emparelhem em linhas gerais. Dessa forma, Althusser não apenas insiste na diferença, mas evidencia a “necessidade de se pensar a unidade com a diferença, a diferença em uma unidade complexa, sem que isso implique o privilégio da diferença em si.” (HALL, 2011, p. 154). O autor evidencia então que não se substitui a diferença pela unidade, mas sim repensa ambas a favor de um novo conceito, chamado no caso de articulação.

A partir disso, Hall propõe a primeira significação a ideologia, que seria, no caso, a tarefa de fixar significados através do estabelecimento, por seleção e combinação, de uma cadeia de equivalências (HALL, 2011, p. 154-155). Considerando essas equivalências articuladas, Althusser pensa que a conformação pode até existir, mas que não existe necessariamente uma correspondência. Com isso, Althusser coloca em jogo que a determinação não parte de origens genéticas ou forças sociais de uma determinada classe, mas sim como efeito de uma prática:

Ele sugere que não se pode ‘inferir’ a ideologia de uma classe (ou mesmo de setores de uma classe) a partir de sua posição original na estrutura das relações econômicas. Porém, ele se recusa a afirmar que é impossível estabelecer articulações, através de uma prática de desenvolvimento da luta, entre classes ou frações da classe, ou mesmo entre outros tipos de movimentos sociais, com aquelas formas de política e ideologia que as permitem se tornar historicamente eficazes enquanto agentes sociais coletivos. (HALL, 2011, p. 157)

A partir dessa fala, é apresentada as noções de estrutura e prática. A estrutura é apresentada por Hall como o resultado de práticas anteriormente estruturadas. Já ao caracterizar a prática, o autor demanda atenção: “Em nenhum momento deverá a ‘prática’ ser tratada como algo transparentemente intencional: fazemos a história, mas com base em condições anteriores não produzidas por nós mesmos. A prática é a forma como uma estrutura é ativamente reproduzida” (HALL, 2011, p. 158).

A especificidade das práticas ideológicas é justificada então por Althusser a partir da materialização das práticas sociais e às outras instâncias da formação social. (HALL, 2011, p. 161). Com isso, pensamos nos lugares, rituais e práticas nas quais a ideologia é inscrita. E a partir desses lugares, é possível pensar nas maneiras como atuamos socialmente, uniformizamos fontes, produzimos sentido e determinamos as coisas que existem ao nosso redor. Althusser alinha, desta forma, a ideologia com o conceito de representações:

(...) ele define as ideologias como (parafreando) sistemas de representação – compostos de conceitos, ideias, mitos ou imagens – nos quais os homens e as mulheres (acréscimo meu) vivem suas relações imaginárias com as reais condições de existência. (HALL, 2011, p. 169)

Como forma de representação, a ideologia passa a dizer muito sobre a forma como avaliamos o que existe ao nosso redor, compreendemos o mundo social e seu comportamento e nos colocamos em determinado lugar e nos excluimos de outros. A partir desses sistemas de representações, também produzimos sentidos e definimos nossas formas de atuar no mundo social. Nesse sentido, Eagleton (1997) aborda o sentido de ideologia para Althusser em referência às relações afetivas e inconscientes que temos com o mundo, na forma como nos vinculamos à realidade social:

Trata-se de como essa realidade nos “atinge” sob a forma de uma experiência aparentemente espontânea, dos modos pelos quais os sujeitos humanos estão o tempo todo em jogo, investindo em suas relações com a vida social como parte crucial do que é ser eles mesmos. (EAGLETON, 1997, p. 30)

Tomando em consideração os sistemas de representação como sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros, Hall explora a relação entre os sistemas de representação e o conhecimento ideológico na produção de significado e sua inserção nas práticas sociais. Portanto, a ideologia seria uma organização específica de práticas significativas que constituem os seres humanos como sujeitos sociais. (ALTHUSSER, 1997). Dessa forma, as “(...) ideologias são sistemas de representação materializados em práticas...” (HALL, 2011, p. 170)

Identificar-se dentro da ideologia é uma questão que Hall busca responder. Para ele, cada sujeito possui diversos direcionamentos. Esses, presentes desde o nascimento, são reposicionados, alterados e anexados, permitindo que uma mesma pessoa se defina dentro da ideologia a partir de locais e formações sociais.

Assim, de forma sutil, a ideologia se inscreve em todas as maneiras como atuamos e nos identificamos no mundo social. Nossa constituição como sujeitos é, portanto, totalmente perpassada pela incorporação da ideologia. O processo de materialização da ideologia sobre nós, que acontece sempre de forma prática, pode ser explicado através da interpelação:

(...) somos chamados ou convocados pelas ideologias que nos recrutam como seus “autores”, seu sujeito essencial. Somos constituídos pelos processos inconscientes da ideologia, naquela posição de reconhecimento ou fixação entre nós mesmos e a cadeia de significados sem a qual nenhum significado ideológico seria possível. (HALL, 2011, p. 167)

Através dessa convocação do outro presente no discurso, os sujeitos tomam seus lugares e se posicionam. Há sempre um posicionamento discursivo inconsciente dos sujeitos, que os define e caracteriza como os interlocutores aos quais a narrativa é direcionada. E é essa ação inconsciente que faz com que nos identifiquemos ideologicamente.

No caso da Carta de Mark, são estabelecidos sujeitos aos quais o autor direciona sua publicação. Assim, durante toda a Carta, o uso do “você” é condicionado ao sujeito específico interpelado pela Carta. Fica assim evidente a forma como a Carta é direcionada a um certo leitor criado no discurso da Carta, que não corresponde obrigatoriamente a sujeitos reais.

Dessa forma, a pluralidade e complexidade dos sistemas de representação dentro da vida social é lembrada por Hall, que considera os agrupamentos e diversidade ao associar determinadas representações ideológicas. A partir da experiência humana, o autor considera a forma como sociedades articulam e desarticulam determinadas ideias e conceitos, sempre definindo-as de forma ideológica. Dessa forma, conclui-se que “Não é possível pôr um fim a ideologia e simplesmente viver o real. Sempre necessitamos de sistemas para representar o que o real significa para nós e para os outros.” (HALL, 2011, p. 171).

Para nossa pesquisa, será de grande uso essa discussão sobre a forma como os sistemas de representação passam por nossa vida de forma ideológica. A fim de dar base a nossa discussão sobre a representação do brasileiro presente na Carta Aberta ao Brasil, convém ampliar também nossa discussão a respeito das representações sociais.

1.4 Representação social

Como o conceito de representações sociais é amplo, complexo e empregado através de metodologias diversas pela comunidade científica, é importante salientarmos que abordaremos nessa pesquisa o conceito de representação social a partir da discussão de Moscovici (2001) e Jodelet (1993).

De acordo com Serge Moscovici, a representação social é um fenômeno que pode ser tratado como “(...) uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (MOSCOVICI, 1961, p. 36 *apud* Jodelet, 1993, p.04-05)

A partir de tal afirmação, é possível definir que uma representação é formada numa relação entre sujeito e objeto. O sujeito desenvolve uma simbolização específica para determinado objeto, formulando em cima dele uma representação, ao mesmo tempo também diz sobre o próprio sistema de representação. “A representação social é sempre uma representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto terão uma incidência sobre o que ela é.” (JODELET, 1993, p. 09).

Ambos os autores dão grande importância ao papel e a interferência da comunicação nas representações sociais. Serge Moscovici aborda essa temática a partir das transformações

no modo de pensamento e na criação de novos conteúdos após a revolução provocada pelos meios de comunicação de massa (MOSCOVICI, 2001, p. 61).

Nesse sentido, Jodelet (1993) evidencia que Moscovici examina a incidência da comunicação nas representações sociais em três níveis: da emergência das representações, em sua formação e dimensionamento. Ainda, Jodelet fala que as representações inauguram as versões de realidade, comuns e partilhadas.

A importância das representações sociais na vida social está muito relacionada a sua presença constante e inseparável no cotidiano. Woodward (2012) evidencia nesse sentido que as representações incluem práticas de significação que produzem sentido que nos posiciona como sujeitos, dando assim sentido a nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2012). Assim, ao posicionarmos os outros e nós mesmos nas relações sociais, cria-se uma forma de poder. A partir disso, passamos a identificar nosso lugar e do outro como sujeitos no mundo, além de sermos orientados sobre nossas ações em sociedade. Com isso, as representações se desenvolvem continuamente em grupos sociais como um conhecimento prático, variando de acordo com cada experiência de vida. Para Alexandre (2004), a representação:

É uma modalidade particular porque não é todo “conhecimento” que pode ser considerado representação social, mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, através do senso comum, que é elaborado socialmente e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. É um conhecimento prático que se opõe ao pensamento científico, porém se parece com ele, assim como aos mitos, no que diz respeito à elaboração destes conhecimentos a partir de um conteúdo simbólico e prático. (ALEXANDRE, 2004, p. 127)

Precisamos considerar que esse conhecimento prático pode mudar o significado de determinada coisa para grupos específicos, garantindo formas de interpretar específicas, que não são igualmente compreendidas por aqueles que não compartilham essa representação social. “Reconhece-se, geralmente, que as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e comunicações sociais.” (JODELET, 1993, p. 05). Para compreender determinada representação, emprega-se a análise e atenção dedicada a elementos específicos, conforme sugere Jodelet (1993):

(...) as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual elas intervêm. (JODELET, 1993, p. 08)

Uma das perspectivas de pesquisa sobre representações sociais, de acordo com Jodelet, é considerando a dimensão social suscetível de flexionar a atividade representativa e seu produto (JODELET, 1993, p. 05). Articulando esses elementos, iniciamos um debate sobre

como a representação diz sobre as relações e sobre nossa identidade dentro da estrutura social. A dinâmica social, a condição social, nossos valores e modelos de vida influenciam diretamente como compreendemos e nos relacionamos com determinadas representações (JODELET, 1993).

Ao falar da importância e poder da representação para as identidades, Woodward afirma que “todas as práticas de significação que produzem significado envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (WOODWARD, 2012, p. 19). É nesse sentido que desenvolveremos nossa análise. Assim, pretendemos compreender na nossa discussão de que forma as representações sociais presentes na Carta Aberta ao Brasil dizem dos sujeitos brasileiros aos quais a carta é direcionada. Para isso, articularemos a dimensão prática da qual Mark Manson utiliza para desenvolver sua Carta. Buscamos ainda a compreensão dos modelos de operações ideológicas presentes na Carta, relacionando-os com a forma como ele constrói de forma ativa no seu discurso uma representação social. Ao fim, olharemos o jogo representacional incluso na Carta, marcado esse pelas ideologias conflitantes presentes na interação verbal.

CAPÍTULO 2 – A RELAÇÃO ENTRE EU E O OUTRO NA NARRATIVA

2.1 A construção de uma narrativa sobre o outro

No desenvolvimento da nossa discussão, produzimos um debate sobre as implicações do jogo representacional marcado por ideologias conflitantes na interação. Agora, considerando que o processo de interação é sempre constituído de um narrador e um interlocutor, precisamos pensar na forma como essa relação com o outro se dá através do discurso. De acordo com Priscila Dionízio (2011) “no processo de interação, mediado e realizado pela linguagem, os sujeitos se constituem *um* para o *outro*, marcam lugares e organizam sentidos” (DIONÍZIO, 2011, p. 21).

Só é possível se constituir de um para outro caso eu tenha consciência de quem sou. Com isso, “o outro se interpõe, pois, como um eco que nos habita e a partir do qual nossa existência – ou a apreensão de nós mesmos como sujeitos no mundo – torna-se possível” (DIONÍZIO, 2011, p. 21). Essa apreensão de nós mesmos em relação ao outro depende das nossas experiências na vida social, crenças, sistemas de valores e referências e servem para nos definir em relação a esse outro que é diferente. Dessa forma, ao ponto que possuímos essas características, podemos tomar consciência sobre nossa existência.

A partir de tal consciência, somos capazes de produzir sentido sobre o outro criando “outros sociais”. Esses são nada menos que uma figura de alteridade que “(...) está cristalizada na face do estrangeiro, do marginal, do desviante, do desconhecido. Ela é, contudo, necessária para que se possa dizer *eu sou*.” (DIONÍZIO, 2011, p. 19). Assim, a alteridade é responsável pela criação de outros sociais que identificam ao mesmo tempo o narrador e aquele descrito na construção narrativa.

O cruzamento de olhares, no ato de reconhecimento e diferenciação, de legitimação e deslegitimação, permite a produção de narrativas de alteridade. Essas, centradas no olhar avaliador que cria julgamentos, depende, segundo Dionízio (2011) dos elementos reais do universo compartilhado pelos produtores das retóricas. E, “uma vez que os interlocutores não compartilham um mesmo universo simbólico, o choque de referências pode ser ainda mais conflituoso” (DIONÍZIO, 2011, p. 23). Assim, nas narrativas de alteridade, de acordo com Dionízio (2011), supervalorizamos, depreciamos, somos intolerantes e estigmatizamos as “estrangeirices” do outro “suprimindo delas o contexto e o sistema cultural em que assumem significado – operamos, ao invés disso, uma leitura do universo do outro pela lente de nosso sistema de valores.” (DIONÍZIO, 2011, p. 22).

Esse choque de referências que estigmatiza e suprime o outro produz o que Charaudeau (2009) define como paradoxo da realidade. Ao mesmo tempo que um sujeito depende de um outro para identificar sua própria existência, devido a esse choque de referências, ele busca fagocitar a diferença do outro, por meio de valorizações da própria identidade em detrimento da do outro. Em relação ao princípio de alteridade:

(...) cada um dos parceiros da troca está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro e de diferenciação para com o outro, cada um se legitimando e legitimando o outro através de uma espécie de “olhar avaliador” o que permite dizer que a identidade se constrói através de um cruzamento de olhares: “existe o outro e existo eu, e é do outro que recebo o eu”. (CHARAUDEAU, 2009, s/p)

A presença desse sistema de valores na narrativa nos permite refletir sobre diversos discursos e relatos que, por não compartilharem as mesmas referências, passam a criar estereótipos, generalizações e descrições constituídas de rótulos e clichês. Isso, de acordo com Charaudeau (2009), diria respeito a uma tentativa de sobrevivência do sujeito, já que seria: “(...) insuportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos meus sejam melhores, ou, simplesmente, existam. Quando este julgamento endurece e se generaliza, transformasse num estereótipo, num clichê, num preconceito”. (CHARAUDEAU, 2009, s/p). Esse é o caso da Carta utilizada pela nossa análise, não passando de uma construção de sentido sobre o outro a partir dos sistemas de valores de seu autor, isso porque, conforme explica Dionízio:

Ora, se usarmos a metáfora da moldura para entender o enquadre, ser com o *outro*, estar com o *outro* em relação, é, ao mesmo tempo, estruturá-lo sob minhas expectativas, meus esquemas cognitivos, sob as lógicas de organização e hierarquização do mundo próprias das *minhas* referências culturais e não das *dele*. A interposição do quadro me dá, então, uma percepção seletiva do *outro* que, muitas vezes não condiz com o *seu* lugar no mundo. Dito de outro modo, muitas vezes, percebemos no *outro* aquilo que nos é familiar, o que se aproxima de nosso universo cultural, algo a que já somos sensíveis. (DIONÍZIO, 2011, p. 27)

Ao se constituir de uma percepção seletiva do outro, a partir do que nos é familiar, podemos discorrer então sobre a criação de outros sociais a partir da alteridade. Devemos nos lembrar que a produção de narrativas sobre um outro faz parte de uma transposição de mundos, de acordo com as expectativas do narrador. Considerando que utilizamos nosso universo cultural para falarmos do outro, a produção de narrativas sobre a alteridade é constituída de um processo sistematizado, a partir de um enquadramento que diz respeito não apenas do outro, mas como o narrador se define e se diferencia desse outro. Uma narrativa, nesse caso, nunca seria envolta apenas daquele outro que é tematizado, mas sim, apresentaria nas entrelinhas muito daquele que a escreve. Isso porque, a narrativa envolveria uma:

[...] relação tríadica que envolve um narrador, que diz um mundo de outrem, a um segundo interlocutor. O narrador é, então, responsável por transpor o mundo que se conta ao mundo em que se conta e o processo de transposição de mundos se faria por meio de ferramentas de tradução, como a comparação, a descrição e a inversão: “[...] *uma retórica da alteridade é, no fundo, uma operação de tradução: visa a transportar o outro ao mesmo (tradere) – constituindo, portanto, uma espécie de transportador da diferença.* (HARTOG, 1999, p. 251 apud DIONÍZIO, 2011, p. 32).

Nesse transporte da diferença, de acordo com o autor, é possível incluir ainda um artifício utilizado na construção de narrativas da alteridade, chamado de artifício da objetividade. Para Hartog (1999 *apud* DIONÍZIO, 2011), este seria a efetuação de correspondências, oposições, comparações e descrições. Essas, confeririam maior alteridade ao narrado e criariam um quadro de inteligibilidade do outro.

Considerando os artifícios presentes no processo de construção dessa retórica que fala do outro, precisamos considerar como a identidade social e discursiva do autor da narrativa são influentes nessa construção de relatos, como abordaremos na sequência. Assim, a narrativa deixaria de ser apenas uma produção de alteridade. Ela possuiria também, segundo Dionízio (2011): “um caráter inventivo e um poder ordenador, capazes de instituir realidades e valores sobre o outro”. (DIONÍZIO, 2011, p. 35). Dessa forma, de acordo com Dionízio: “pela comunicação também são reproduzidos sistemas de ideias, ideologias são materializadas e perpetuadas, relações de força mantidas, consensos e padrões hegemônicos constantemente recriados.” (DIONÍZIO, 2011, p. 17). A narrativa é, portanto, baseada em expectativas, engajamentos, tomadas de posição que se constituem como um exemplo de articulação de poder em uma narrativa.

2.2 O outro que também é socialmente organizado

A interação verbal ocasionada nas falas e diálogos entre sujeitos é presente constantemente em nossa vida social. O diálogo, em suas diversas formas, seja falado ou escrito, diz muito sobre o que as pessoas são e nas ideologias que carregam em si. Essa interação verbal, caracterizada pelo linguista russo Mikhail Bakhtin como a realidade fundamental da língua, é um fenômeno social de grande interesse para essa pesquisa, ao ponto que podemos pensar na forma como as interações são propostas e o que elas carregam consigo.

Nesse sentido, Bakhtin traz diversos ganhos para a teorização da filosofia do discurso. Indo no sentido oposto à fundamentação da teoria da expressão que tratava a linguagem como a revelação do inconsciente, Bakhtin afirma que o ato de expressão é formado no exterior, e

não no pensamento interior. Para Bakhtin: “A expressão comporta, portanto, duas facetas o *conteúdo* (interior) e sua objetivação exterior para outrem (ou também para si mesmo)” (BAKHTIN, 2009, p. 115). A expressão, portanto, deve ser considerada como uma organização da atividade mental, e, no ato de fala, é exteriorizado o que foi partilhado socialmente pelo sujeito em determinada situação social.

Para determinar a expressão, é necessário considerar que o outro é socialmente organizado, assim como o grupo social a qual ele pertence, a criação ideológica deste grupo e sua situação social. Bakhtin, nesse sentido, se preocupa não apenas com a fala concreta e imediata, mas com o que o contexto traz para as significações e os sentidos. O autor supõe, portanto, que o horizonte social definido é determinante para a criação ideológica do grupo social e a época que pertencemos (BAKHTIN, 2009, p. 116). Da mesma forma, faz sentido evidenciar que, considerando as vivências sociais dos diferentes indivíduos, a estrutura e compreensão da enunciação perpassa o locutor e o interlocutor, com suas vivências particulares, já que:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação a coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. (BAKHTIN, 2009, p.117)

Colocando em perspectiva a relação com o social ao falar do discurso, o autor trabalha a interação verbal a partir dos sujeitos e de sua criação individual influenciando sua forma de se expressar. Assim, a vivência social mostra-se excepcional para compreender o que é projetado por nós e como elaboramos essa expressão.

Dessa forma, considera-se a ideologia e a forma como ela nos ajuda a construir nosso pensamento e consciência, fazendo com que o sentido varie de interação para interação, de contexto para contexto. Uma mesma interação pode gerar diferentes compreensões dependendo da origem, das ideologias e das situações sócio-históricas de seus interlocutores.

Isso porque Bakhtin afirma não ser possível analisar o discurso sem considerar que ele faz parte da expressão da consciência. Nesse ponto, podemos articular a discussão de Bakhtin à de Thompson, já que, como parte da consciência, Thompson apresenta a relação entre como a linguagem afeta nossa subjetividade, que por sua vez é afetada pelo social. O último, ainda, afeta também a linguagem. Dessa forma, constrói-se uma interligação crucial para entender a linguagem verbal e suas expressões.

Para o autor, as ideologias não são intrínsecas a nós, mas sim são construídas socialmente dentro dos sistemas sociais frequentados por cada sujeito. Assim, as relações

sociais, a situação social e o meio social determinam a estrutura da enunciação (BAKHTIN, 2009, p. 117). A interação na vida social faz então parte da nossa constituição social, sendo sempre presente, alterando e construindo-nos ideologicamente:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2009, p. 127)

Com isso, entramos na grande proposta de Bakhtin, que envolve a consideração que todo discurso possui marcas das plurais ideologias que atravessam os grupos social. Constatase assim que sempre que há interação, há interlocutores com posicionamentos e ideologias criados antes da discussão. Dessa forma, conclui-se que a língua e o discurso sempre carregam ideologias, pois nenhum discurso é neutro.

2.3 A instabilidade discursiva

É necessário ir além da influência do contexto e das marcas ideológicas na interação verbal. Convém ainda considerar que o inconsciente e o acúmulo subjetivo das experiências vivenciadas pelos interlocutores são influentes nos discursos. Assim, toda interação pode proporcionar distintas interpretações aos receptores. Observamos desta forma a instabilidade dos discursos, isso porque, de acordo com Pechêux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PECHÊUX, 2008, p. 52).

Para o autor, esses deslocamentos se dão através das redes de memórias e das filiações identificadoras de cada indivíduo. As transformações de sentido, desta forma, seriam inerentes a tudo, tornando a ideia do real equivocada:

[...] as “coisas-a-saber” coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de “saber do que se fala”, porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são o produto de uma aprendizagem: isto acontece tanto nos segredos da esfera familiar “privada” quanto no nível “público” das instituições e dos aparelhos de Estado. O fantasma da ciência régia é justamente o que vem, em todos os níveis, negar esse equívoco, dando a ilusão que sempre se pode saber do que se fala, isto é, se me compreendem bem, negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece. (PECHÊUX, 2008, p. 55)

A interpretação, portanto, é mostrada por Pechêux como inseparável do real, sendo a única capaz de fornecer ao real sua consistência. Assim, voltamos ao debate do outro e da sua importância na construção de discursos, já que “é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação,

identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade e interpretar.” (PECHÊUX, 2008, p. 54).

É possível considerar então a forma como os sujeitos são ativos nessa decisão interpretativa. A partir disso, os sujeitos se mostram essenciais na compreensão dos discursos, sendo estes os responsáveis ativos por maquinar os discursos, produzir o real, interpretá-lo, dando sentido a eles a partir de suas subjetividades: “através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados.” (PECHÊUX, 2008, P. 57)

A partir da discussão proposta anteriormente, é possível desenvolver nossa análise, levando em consideração a interação verbal. Assim, discutiremos à frente a forma como essa interação diz muito sobre o enunciador e seus interlocutores, sobre seus lugares de fala e posicionamentos. É conveniente pontuarmos também como essa interação faz parte de produção de discurso de alteridade, dizendo tanto de uma narrativa sobre alteridade quanto de uma constituição do narrador como sujeito que possui poder mas que, devido a individualidade de seus leitores, pode gerar uma instabilidade discursiva.

A partir das discussões relativas a alteridade no ato discursivo, do poder no ato discurso, juntamente com os laços presentes na interação verbal e sua carga ideológica, além da noção dos sujeitos como ativos na interpretação discursiva, consideramos possível discorrer sobre a Carta Abeta ao Brasil e sua construção de representações.

2.4 Identidade Social, identidade discursiva e a influência discursiva

Charaudeau (2009) propõe um modelo de análise do discurso considerando como em cada situação de comunicação há um jogo entre as identidades do locutor. Nesse sentido, devemos considerar três elementos: a identidade social, a identidade discursiva e a influência discursiva. De acordo com Charaudeau (2009):

A identidade social necessita ser reiterada, reforçada, recriada, ou, ao contrário, ocultada pelo comportamento linguageiro do sujeito falante, e a identidade discursiva, para se construir, necessita de uma base de identidade social. Postulamos, pois, que existe uma diferença entre estes dois tipos de identidade, e que é pela sua combinação que se constrói o poder de influência do sujeito falante (CHARAUDEAU, 2009, s/p)

Para compreender a influência do sujeito falante, precisamos então discorrer sobre a identidade social e a identidade discursiva, assim como suas estratégias.

Inicialmente, devemos pensar a identidade social como um reconhecimento alheio sobre determinada pessoa. Esse reconhecimento pode se dar através de várias formas, como a comprovação de um saber fazer, de uma posição de poder. Por ser atribuída ou reconhecida, a identidade social varia e se altera, e, sendo assim, o autor afirma que ela pode ser deslocada, reconstituída ou mascarada, tudo de acordo com a situação de comunicação. De forma geral, ele “designa o estado ou a qualidade de quem é autorizado a agir da maneira pela qual age.” (CHARAUDEAU, 2009). Para produzi-la, o falante pode utilizar a estratégia discursiva da legitimação. Essa, de acordo com Charaudeau, dá conta de reforçar a posição do sujeito falante, de forma que sua fala tenha posição de autoridade e status.

Em segundo lugar, encontramos a identidade discursiva como aquela que é constituída pelo próprio sujeito para operacionalizar sua fala numa determinada situação de comunicação. Nessa constituição, o sujeito pode contar com dois tipos de estratégias: as de credibilidade e de captação.

As estratégias de credibilidade se fundam na necessidade do autor de uma narrativa em criar um discurso que seja possível de seus leitores acreditarem, ao redor de uma ideia de autoridade. Charaudeau identifica essa estratégia como uma tentativa de persuasão do outro que busca “colocá-lo num universo de evidências que exclui a possibilidade de discussão” (CHARAUDEAU, 2009, s/p). Além disso, pode ser explicada como uma ação que busca responder a pergunta: “como fazer para ser levado a sério?”. Para respondê-la, o autor define 3 atitudes: de *neutralidade*, *distanciamento* e *engajamento*.

A de *neutralidade* busca, dentro de um relato, produzir um discurso testemunhal que não seja pessoal. Assim, seu reconhecimento seria dado já que o discurso seria apenas formado por constatações observadas ou validades por aquele que escreve. Já a estratégia de *distanciamento* busca ser racional, produzindo uma fala especialista. A terceira estratégia é a de *engajamento*, e nela a escolha de argumentos garante ao narrador uma posição de avaliador daquilo que é narrado. Sua convicção, no caso, é o que garante a credibilidade da fala, convencendo o interlocutor.

Já a estratégia de captação busca assegurar que o leitor concorda com as afirmações contidas no conteúdo textual. Assim, a pergunta que retrata essa estratégia seria, de acordo com Charaudeau (2009) “como fazer para que o outro possa ‘ser tomado’ pelo que digo?” (CHARAUDEAU, 2009, s/p). Para responder essa pergunta, o autor apresenta três atitudes discursivas: polêmica, sedução e dramatização.

A polêmica questiona valores estabelecidos e busca discussões que eliminem coisas pré-determinadas pelo leitor. A sedução busca engajar o leitor, propondo um

imaginário que chama a atenção e possibilita a identificação com o narrador. Já a dramatização envolve dramas da vida e envolve de forma social e afetiva o leitor, fazendo-o sentir emoções que captam esse leitor.

Só ao considerar a identidade social e a identidade discursiva, bem como as estratégias usadas para garanti-las, é que é possível identificarmos aquilo apresentado pelo autor como influência discursiva.

É neste jogo de vaivém entre identidade social e identidade discursiva que se realiza a influência discursiva. Segundo as intenções do sujeito comunicante ou do sujeito interpretante, a identidade discursiva adere à identidade social formando uma identidade única “essencializada” (“eu sou o que eu digo”/“ele é o que ele diz”), ou se diferencia formando uma identidade dupla de “ser” e de “dizer” (“eu não sou o que eu digo”/“ele não é o que ele diz”) (CHARAUDEAU, 2009, s/p)

A fim de analisar esse jogo entre identidade social e discursiva, Charaudeau propõe um modelo comunicacional da análise do discurso. Nele, além das três estratégias apresentadas acima, deve-se questionar outras três competências: comunicacional, semântica, discursiva e semiolinguística.

A primeira seria a competência comunicacional, que seria, de acordo com o autor, a aptidão do sujeito em reconhecer a estruturação e as restrições da situação de comunicação. Considerariam aí a identidade social dos parceiros, o papel social, o status e lugar na relação de comunicação. A segunda diz respeito à organização de saberes. A terceira se refere a forma como um enunciado é organizado e argumentado. Já a última, de acordo com o autor, diz respeito da construção de sentido responsável pela corporificação da identidade discursiva.

Assim, cabe a nós efetuarmos uma análise do discurso a partir do modelo comunicacional proposto por Charaudeau. Analisaremos na Carta Aberta ao Brasil os elementos que constituem a identidade social e discursiva de Mark Manson, e como esses funcionam na tentativa de legitimar o enunciador da Carta.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE

3.1 A Carta

Para a pesquisa, foi selecionado como empiria “Uma Carta Aberta ao Brasil”, publicação vinculada no site do estadunidense Mark Manson⁶. A Carta foi postada no dia 11 de fevereiro de 2016, logo após o fim do carnaval brasileiro. Através do discurso presente na Carta, o blogueiro elabora uma análise opinativa sobre o Brasil. O conteúdo da Carta pretende apresentar as razões pelas quais o país, segundo Manson (2016), “é tão ferrado”. Para isso, Mark constrói discursivamente o que acredita serem os problemas brasileiros, além de apresentar soluções que julga serem eficazes para a resolução de tais problemas.

Baseado na vivência do enunciador no Brasil, o enunciador julga compreender quais seriam os problemas do país e acredita ser importante divulgar isso aos brasileiros. Indo além do colonialismo, problemas econômicos e sociais, a Carta pretende mostrar que os problemas brasileiros seriam causados por seus cidadãos. Na carta, a autor pontua alguns elementos-chave do que seriam os problemas brasileiros: o egoísmo, a vaidade e superficialidade e a suposição que o brasileiro evita o confronto. A Carta é repleta de exemplificações e relatos que ilustrariam e justificariam esses problemas no dia-a-dia do brasileiro. A Carta não apenas apresenta o que são considerados problemas brasileiros, mas propõe também soluções que o enunciador julga serem convenientes para a resolução de tais problemas, propondo uma “revolução interna” aos seus leitores.

Mark Manson é um blogueiro estadunidense de 33 anos, nascido em Austin, no estado do Texas, formado em Finanças que afirma ter viajado por cinco anos e tendo visitado 55 países. Ele possui mais de 340 mil curtidas em sua página no *Facebook*⁷ e uma média de 2 milhões de visitas mensais em seu site⁸. Neste site, é possível encontrar artigos de Manson, os livros que publicou, alguns dos artigos em forma de áudio, vídeos do blogueiro, além de cursos pagos que o estadunidense oferece. Os artigos publicados são relativos, em sua maioria, a dicas de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Seus textos são escritos em inglês e em suas publicações não há seção para comentários. Alguns desses artigos possuem leitura restrita apenas para assinantes. O processo de assinatura é mediante um pagamento mensal de 4 dólares, que garante o acesso total às publicações.

⁶ O site de Mark Manson é www.markmanson.net

⁷ Dados referentes à 06 de novembro de 2016, encontrados no *Facebook*

⁸ Dados apresentados no site <https://www.similarweb.com>, referentes ao período entre abril e setembro de 2016.

No site de Manson, há uma aba chamada “best articles”⁹, os quais, de acordo com o site “can change your life”¹⁰. As categorias dos artigos presentes nesta lista são “Self-improvement”, “Life Choices”, “Dating and Relationships” e “Culture”¹¹. Os artigos presentes na categoria “Culture” são relativos a experiências de viagem de Manson e a relatos sobre o país de origem de Manson, os Estados Unidos. Nesta mesma categoria, mas não na aba de melhores artigos, encontra-se “Uma Carta Aberta ao Brasil”.

Ao clicar na aba “Articles” é possível ver todas as publicações e pesquisar o conteúdo presente no site. Ao pesquisar por “Brazil”, aparecem 18 artigos diferentes, de seus quase 150 publicados¹². Apesar disso, apenas três dessas publicações são realmente relativas a temáticas do Brasil. Duas delas são a Carta Aberta ao Brasil — em sua versão original em inglês e a versão em português — além de uma terceira que fala sobre o calçadão de Ipanema. Esse último é restrito apenas para assinantes. Nas demais, o Brasil é apenas citado ou exemplificado, referenciando normalmente a sua namorada brasileira. É preciso evidenciar que dos 18 artigos em que “Brazil” é citado, 13 deles estão em publicações categorizadas em “Culture”.

Em sua Carta Aberta ao Brasil, Manson afirma que seu relacionamento com uma brasileira permitiu que ele conhecesse o país, seus costumes, culturas e língua. Além disso, o estadunidense também afirma ter sido motivado a escrever sobre o Brasil após conversar com brasileiros que questionavam Mark sobre o Brasil e faziam comparações com os Estados Unidos. Assim, durante toda a Carta, Manson justifica sua motivação para escrever sobre o Brasil. Devemos olhar a Carta Aberta ao Brasil e os “problemas brasileiros” abordados pelo autor da Carta considerando que os apontamentos não são obrigatoriamente correspondentes a realidade, mas sim em relação as práticas simbólicas, aos relatos e a experiência que Manson vivenciou no país.

O discurso apresentado na Carta Aberta ao Brasil é formulado a partir de conceitos que Manson considera necessários para um país ser próspero e desenvolvido. Somado a essa ideia, a Carta é produzida com base no que ele entende como Brasil. A partir dessas duas perspectivas, o autor apresenta o que ele julga serem os problemas enfrentados na atualidade do país, como a crise política e econômica. Assim, considerando seu lugar de fala como estrangeiro, o estadunidense cria uma relação entre os problemas nacionais e a identidade cultural nacional.

⁹Tradução minha: Melhores artigos

¹⁰ Tradução minha: Pode mudar a sua vida

¹¹ Tradução minha: “Cultura”, “Namoro e Relacionamentos”, “Escolhas de vida” e “Auto Aperfeiçoamento”.

¹² Quantidade de artigos presentes no site de acordo com pesquisa feita no dia 07 de novembro de 2016.

Motivado pela sensação de elo criado com o Brasil e com os brasileiros, o autor manifesta a necessidade de escrever um texto mostrando os problemas do país. Sua expectativa é de que, semelhante a uma conversa entre amigos, sua Carta gere uma transformação na atitude e, por consequência, na cultura dos brasileiros.

Na versão da Carta em inglês, Mark faz como uma análise aos seus conterrâneos sobre o Brasil¹³. Já em sua Carta em português, Mark dirige-se ao seu leitor brasileiro. É necessário considerar que esse público brasileiro a qual Mark se refere é construído pelo autor. Há, contudo, uma diferenciação entre o brasileiro que é tema da carta, o qual Mark critica e dá apontamentos sobre como melhorar e desenvolver um país melhor.

Ao mesmo tempo, há um outro leitor brasileiro de Mark, que fica fora dos apontamentos dele, não fazendo parte daquilo que Mark critica. Assim, o brasileiro leitor e o brasileiro inserido na carta não são as mesmas pessoas. Trate-se de um ideal de leitor criado a partir das vivências e referências de Manson com brasileiros. A esses leitores, o estadunidense utiliza uma linguagem semelhante a uma conversa leve. Utilizando sempre as palavras “vocês” ou “você”, a interação verbal proposta por Mark se justifica a partir de argumentos com base em exemplos. Com exemplos do mundo exterior e da atualidade brasileira, o autor pretende fazer sentido e tornar mais verossímil seu diagnóstico sobre o Brasil.

A reverberação da Carta de Mark se deu na internet ao ser compartilhada mais de 285 mil vezes no *Facebook* e visualizada 9 milhões de vezes¹⁴, vista no *YouTube* mais de 135 mil vezes¹⁵ pela elocução de Bel Pesce¹⁶.

De acordo com dados obtidos no *Google Trends*¹⁷, o termo de pesquisa “Mark Manson” não foi tão pesquisado no *Google* no mundo inteiro nos últimos 5 anos¹⁸ como foi nos dias seguintes à publicação da Carta Aberta ao Brasil. Assim, entre os dias 14 e 20 de fevereiro de 2016, o interesse de pesquisa pelo nome de Manson alcança o pico de sua popularidade no buscador *Google*. Quando se filtra esses dados apenas para a pesquisa no Brasil, o interesse pela pesquisa no nome de Mark Manson nos últimos 5 anos é bem baixo, exceto pela data da Carta. As demais datas em que o público teve interesse pela pesquisa do seu nome não chega a 10% do alcançado nos dias seguintes à publicação da Carta Aberta ao Brasil.

¹³ Embora tenhamos observado a Carta em inglês, nosso objeto principal de análise foi a Carta em português.

¹⁴ Quantidade de compartilhamentos e visualizações referentes ao dia 7 de novembro de 2016, na postagem da página da empreendedora Bel Pesce, em que ela publica o vídeo em que faz elocução do artigo.

¹⁵ Dados referentes ao dia 7 de novembro de 2016, de acordo com as visualizações apresentadas no Youtube

¹⁶ Bel Pesce é uma famosa blogueira na internet.

¹⁷ Ferramenta do Google para análises da frequência e popularidade de termos de pesquisa buscados no site de busca Google.

¹⁸ A análise realizada na ferramenta Google Trends foi proposta baseada no interesse pelo termo de pesquisa “Mark Manson” nos últimos 5 anos.

Desconsiderando a data da publicação da Carta, o nome do blogueiro estadunidense teve o mais alto índice de popularidade de pesquisa no *Google* entre os dias 11 e 17 de janeiro de 2015. Contudo, o interesse na pesquisa do seu nome nesta data alcança somente 46% da popularidade comparada a data da publicação da Carta Aberta ao Brasil. Assim, podemos considerar que desde 2011, mesmo quando teve maior sucesso anteriormente, Manson não havia tido nem ao menos metade das reverberações ou repercussões de seu nome no *Google* como ocorreu em seguida a publicação da Carta Aberta ao Brasil.

A Carta de Mark gerou também repercussões em sites como o BuzzFeed, e até mesmo na mídia tradicional, como no portal da revista Exame e no Huffington Post Brasil.

3.2 O lugar de fala como operador metodológico

A fim de dar suporte a nossa análise, é preciso considerar também que os lugares de fala permitem a construção de sentido em determinados conteúdos, como por exemplo o da Carta Aberta ao Brasil de Mark Manson. Nesse sentido, consideramos a abordagem de Braga (2000) de uma aproximação concreta com o produto cultural, apreendendo-o como um enunciado e não apenas a partir de seus aspectos formais. O autor afirma que a fala não se agrega a uma situação social, mas sim *constitui* a situação (BRAGA, 2000, p. 161). No caso de Mark Manson, sua fala não apenas retrata uma situação social, mas ajuda a produzir sentido ao seu leitor, já que “estes enunciados não são comentários a parte” (BRAGA, 2000, p. 161-162). A fala diz muito mais sobre Mark Manson, sobre suas crenças e opiniões, e funciona ativamente para construir sentido para a situação a qual o estadunidense retrata.

A construção de sentido pode ser exemplificada através do movimento proposto por postagens de blogs. O espaço para publicações, onde milhares de pessoas podem se expressar e criar enunciados da forma como desejam, possibilita a divulgação de afirmações e opiniões divergentes sobre incontáveis assuntos e temáticas. As narrativas construídas nesses espaços auxiliam na construção de sentido de determinadas opiniões para seus leitores. E, dessa forma, constituem-se situações, alterando-as e gerando novos sentidos. É importante salientar, portanto, que conforme propõe Braga:

Partimos da premissa que toda fala (texto, discurso, etc) necessariamente faz sentido — por mais absurdo, contraditório ou equivocado que nos parece — em algum lugar, segundo uma determinada ótica, relacionado a uma inserção específica em uma situação concreta, historicamente dada. (BRAGA, 2000, p. 162)

Considerando a afirmação de que toda fala faz sentido, buscamos nessa pesquisa compreender o que Braga (2000) propõe como a estruturação interna da fala. Para alcançá-la, é

preciso tratar uma situação concreta específica prestando atenção a fala, textos disponíveis e situação, construindo assim uma determinada lógica (BRAGA, 2000, p. 163).

Essa lógica é chamada de lugar de fala, e é sob ela que podemos compreender onde um texto faz sentido, utilizando-a como operador metodológico para a pesquisa. A fim de alcançar a compreensão da lógica de onde um texto faz sentido, Braga propõe levantar diferenças e especificidades, buscando as estruturas significativas imediatas de uma fala. Assim, entendemos que é preciso, desde o momento inicial, pensar no significado que é proposto em determinada fala, utilizando o conceito de estrutura significativa de Goldmann apresentado por Braga para articular o texto com sua situação “local”. Conforme evidencia Braga:

Sendo um lugar construído ou ocupado pelo discurso específico da inter/extradiscursividade, o lugar de fala não corresponde ao “contexto”, mas ao lugar construído pelo discurso nesse contexto - o ângulo proposto estruturalmente pela fala para “ver” a realidade - ou mais exatamente, segundo o qual a realidade se constitui em sentido. (BRAGA, 2000, p. 168)

A fim de ver o sentido dessa realidade, Braga (2000) propõe ainda algumas abordagens para observar elementos do lugar de fala: analisar as estruturas internas da fala e suas incoerências, entender as articulações da fala com outros enunciados e articulá-la com seu espaço social. Respondendo a essas temáticas, é possível chegarmos a questão a ser discutida nesta pesquisa relativo a forma como Mark Manson constrói a representação do Brasileiro na Carta Aberta ao Brasil, nos apoiando naquilo que Braga aponta: em qual lógica e em que lugar faz sentido uma fala (BRAGA, 2000, p. 163).

A partir das perspectivas apresentadas anteriormente, consideramos possível analisar o conteúdo da Carta Aberta ao Brasil utilizando o lugar de fala como operador metodológico para observar a construção representacional e ideológica referente ao Brasil através da qual Mark propõe sentido na Carta. Buscaremos observar na Carta Aberta ao Brasil a representação social específica sobre o Brasil a qual Mark Manson apresenta, a partir de seu conhecimento prático e dos pensamentos ideológicos inclusos nele. Para isso, nos apoiamos no que fato de que para Jodelet “...as representações sociais são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade” (JODELET, 1993, p. 05).

Ao escrever uma publicação que viraliza na internet, o blogueiro é ativo na colaboração da criação ou concordância de um lugar de fala que implica e define problemas no Brasil e especialmente, referentes ao brasileiro, tocando o pensamento coletivo, um lugar de

fala específico, incluso dentro de uma determinada representação social e a partir de um pensamento ideológico.

3.3 Eixos de análise

Considerando o meu problema de pesquisa, interessado em analisar a construção de sentido e da representação de brasileiro na narrativa de um post de blog chamado “Uma Carta Aberta ao Brasil”, do blogueiro estadunidense Mark Manson, e estando a luz das contribuições dos autores presentes nos capítulos anteriores, consideramos ser possível articular minhas proposições a respeito do fenômeno escolhido para essa pesquisa, a Carta Aberta ao Brasil. Para isso, contarei com quatro eixos de análise, que me permitirão articular sentido e desenvolver uma discussão sobre a Carta de Mark Manson.

O primeiro dos eixos é relacionado ao leitor ideal da Carta. Assim, delinearei uma discussão a respeito do jogo discursivo que envolve Mark Manson e seus leitores: o leitor da Carta original — publicada em inglês — e o brasileiro que seria o leitor ideal de Manson. Nesse sentido, articularemos a consciência identitária à construção de uma narrativa de alteridade ao redor do leitor ideal da Carta Aberta. Abordarei também contexto sócio-histórico e as estruturas que permitem o desenvolvimento das relações de poder, possibilitando o endereçamento da carta para determinado sujeito. Da mesma forma, abrangeremos o fenômeno da interação verbal e a instabilidade discursiva.

Em seguida, o segundo eixo de análise é centrado nos problemas brasileiros argumentados por Mark Manson. Aqui, nossa atividade tentará discutir a construção dos problemas brasileiros a partir da visibilidade e invisibilidade de determinados problemas sociais em detrimento a outros. Assim, focamos na representação de problemas brasileiros, apoiando-nos no lugar de fala que permite a confirmação desses problemas e os modos de operação da ideologia na narrativa.

Já o terceiro eixo se concentrará na construção dos brasileiros na Carta Aberta ao Brasil. Esse eixo analisará o posicionamento discursivo e as representações que possibilitam a interpelação com o discurso de Manson, hierarquizando sujeitos num processo de constrangimento que cria estigmas. Nesse ponto, observaremos como a ideologia está materializada nas práticas sociais e como essas possibilitam um discurso ideológico forte.

Nosso último eixo é delimitado pelo debate ao redor da legitimação proposta por Manson em seu discurso. Nele, debateremos a construção da autoridade do narrador da Carta,

por meio das estratégias utilizadas nesse processo. Abordaremos o lugar de fala do autor e discutiremos a identidade discursiva construída por ele em durante toda sua carta. Através da segmentação de suas estratégias e competências, evidenciaremos o processo de justificação e criação de valor para a fala do estadunidense, delimitando sua influência discursiva.

Eixo 1 – Os interlocutores da Carta Aberta ao Brasil

É importante identificar, na Carta Aberta ao Brasil, o jogo discursivo ao redor dos sujeitos envolvidos na narrativa. Assim, identificados em nossa análise três sujeitos na Carta Aberta ao Brasil: Mark Manson como o enunciador da Carta, o leitor da carta originalmente em inglês e o brasileiro que seria o leitor ideal de Manson.

Inicialmente, é importante considerar o ator discursivo da Carta, Mark Manson. Ele escreve seu relato a partir de suas convicções, crenças, observações, concordâncias e discordâncias. Assim, precisamos, para início, considerar os sistemas de representação que definem a dimensão social vivida pelo blogueiro, a fim de verificar como estes são relevantes para que o autor desenvolva a carta da maneira como o fez.

Embora não possamos concluir ou descobrir exatamente como o ator discursivo se constitui socialmente, como por exemplo, o que ele acredita, viveu, considera certo ou errado, podemos dialogar sobre elementos gerais da constituição dos sujeitos, os quais influenciam sua realidade material, social e ideal. Assim, seguindo a sugestão de Jodelet (1993), consideraremos a intervenção de elementos afetivos, mentais, sociais, a cognição, linguagem e comunicação, além das relações sociais para constituição da dimensão social de Manson. Esses elementos dizem respeito as formas de viver e versões da realidade instauradas sobre a vida do estadunidense. E somente a partir dessas que é possível entender como o blogueiro se posiciona como sujeito, se identifica no mundo e faz suas afirmações na publicação.

Recuperando a discussão de Hall (2011), lembramos também que as práticas sociais são materializadas inconscientemente de forma ideológica, e, somente a partir dessa materialização, é possível pensar nas ações sociais e produção de sentido de uma pessoa. O enunciador, nesse sentido, atua de forma ideológica ao avaliar o mundo que vive a partir de sua realidade social, que o constituiu como sujeito através de sistemas de representação. A prática ideológica é o que possibilita que ele, a partir das representações que acumulou em sua experiência de vida, avalie o mundo em que vive e analise o mundo exterior, no caso, especificamente o Brasil.

Tomando como exemplo a linguagem, podemos identificar o inglês como língua materna do ator discursivo e, assim, podemos concluir que esse conhecimento prático é influente na representação do autor inserida na Carta. Tomando como base a afirmação: “eu fiquei surpreso quando descobri que dizer que alguém é vaidoso por aqui não é considerado um insulto como é nos Estados Unidos. Esta é uma outra característica particular da sua cultura” (MANSON, 2016), é possível comparar as representações brasileiras e estadunidenses da palavra vaidade e vain, utilizada na versão original da Carta.

Mark Manson não compartilha a representação brasileira da palavra vaidade, que, aqui, não possui obrigatoriamente uma conotação negativa e narcisista. O adjetivo da vaidade pode também estar relacionado a costumes ligados a preocupação com a beleza, usado, por exemplo, para designar uma pessoa que tem o costume de fazer as unhas. Exemplificamos assim como a representação que o estadunidense possui a respeito da palavra vaidade não é obrigatoriamente a mesma representação compartilhada pelos brasileiros. Essa diferença impede que o autor da Carta compreenda o ponto de vista do brasileiro em relação a essa determinada conduta, mas sim, avalie aquele adjetivo a partir de sua prática social e ideológica.

De forma mais ampla, podemos identificar também, no mesmo sentido, como a realidade social do enunciador e seu modelo de vida garante o caráter ideológico de sua fala. A forma como o autor da Carta foi criado, cresceu, os lugares que conheceu, e a forma que se constituiu como sujeito é crucial para compreendermos a maneira como ele apresenta seus argumentos. Toda a constituição de sua narrativa, todos os argumentos apresentados e todas as opiniões contidas na Carta só puderam ser expressadas considerando a estrutura social a qual Mark Manson viveu, assim como as representações que ele compartilha. Assim, tomamos como exemplo a fala a respeito dos brasileiros ricos, que, segundo o autor, “contratam empregadas e babás para fazerem um trabalho que poderia ser feito por eles” (MANSON, 2016). A realidade social e prática significativa experienciada pelo autor possibilita a opinião dele sobre a relação com empregadas e babás.

Também podemos questionar o momento em que o blogueiro argumenta sobre a possibilidade de parcelamento de compras, realidade tipicamente brasileira, que pode não ser condizente com a prática significativa do estadunidense a partir das representações que o constituem. A importância da realidade social de Manson na constituição de suas concordâncias e discordâncias fica ainda mais clara no trecho em que ele fala sobre a preocupação com a aparência: “É claro que aqui não é o único lugar no mundo onde isso acontece, mas é muito mais

comum do que em qualquer outro país onde eu já estive” (MANSON, 2016). Nesse momento, o próprio autor afirma avaliar tal atitude a partir daquilo que vivenciou.

A relação com o Brasil afirmada pelo autor pode ser influente na forma como este faz sua avaliação do Brasil. Considerando a realidade ideal de Manson, estruturada graças a sua prática ideológica e as representações que adquiriu, podemos inferir que o relato de Manson traz elementos daquilo que ele deseja ao país, a partir do que ele acredita ser ideal. Esse ideal não apenas traz uma versão da realidade a partir de formas de viver que Manson acredita serem eficientes, mas dizem de proposições do autor numa busca por mudanças que caminhem para a sua realidade ideal. Aqui, podemos inferir certa relação de poder nessa relação afetiva. Considerando as relações de poder, abordadas por Woodward (2012), que estão ligadas as práticas representacionais, podemos pensar na forma como as inferências apresentadas por Mark Manson diz de um outro, brasileiro, e de sua relação com esse outro, mas diz também de Mark, daquilo que ele é, deseja e acredita ser correto. Nesse sentido, o outro brasileiro, só é acionado ao ponto que Mark Manson é capaz de identificar-se de acordo com suas crenças e convicções, buscando legitimar aquilo que considera ser correto e deslegitimar costumes, crenças e atos dos brasileiros que ele acredita serem negativos.

Diferenciando-se do brasileiro, os sistemas de representação aos quais Mark conviveu e convive, possibilitam que ele desenvolva sua consciência identitária. Como aborda Charaudeau (2009), essa consciência provém do reconhecimento de si mesmo a partir da diferenciação em relação a um outro. Mark Manson só pode ter sua consciência identitária ao ponto que ele sabe quem não é como ele, seja ao identificar-se como homem, estadunidense, norte-americano, não-brasileiro, ou a partir de seus hábitos e valores. Desenvolve-se aí o princípio de alteridade de Mark Manson, pois sabendo quem ele é, ele é capaz de reconhecer seus semelhantes e diferenciar-se de seus diferentes.

O grande ponto, para nós, é saber como os sistemas de representações e a consciência identitária de Manson permitem a construção dessa narrativa de alteridade, na qual Mark Manson possui um olhar avaliador utilizado em sua Carta Aberta ao Brasil a fim de legitimar-se e deslegitimar o outro. O autor da Carta desenvolve ao mesmo tempo uma rejeição e atração desse outro brasileiro, de acordo com os julgamentos de sua consciência identitária, incluindo seu sistema de valores, cultura e hábitos. Esse julgamento é iminente e, naturalmente, é produzido em sua Carta.

Nessa relação com o brasileiro, proposta por Manson na Carta, é possível identificar, portanto, como sua individualidade depende da presença desse outro brasileiro. Ao escrever uma Carta a respeito do brasileiro, Manson acaba falando nas entrelinhas muito sobre si e sobre sua construção identitária.

Em segundo lugar, para abordar a ordem da interação na Carta Aberta ao Brasil, convém pensar no ator discursivo mais próximo de Manson, o leitor da carta original. Considerando que a Carta foi publicada em um blog que é totalmente em inglês, podemos concluir que também há leitores nessa língua. Ao mesmo tempo, não há outras publicações no blog que sejam em português, o que indicaria a Carta na língua portuguesa se apresenta em uma situação concreta específica como uma publicação fora do padrão. Deve ser evidenciado também que a narrativa analisada nessa pesquisa é publicada originalmente em inglês, embora, na mesma data, tenha sido traduzida para o português.

Comparando a versão original e a versão traduzida em português, identificamos pequenas disparidades nas duas narrativas. Uma dessas disparidades aparece quando a narrativa está evidenciando que a vaidade não é um insulto aos brasileiros. A versão traduzida da carta segue afirmando que essa seria “outra característica particular da sua cultura” (MANSON, 2016). Já na versão original, a afirmação dá sequência a uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos, ao afirmar que: “I believe this is another key distinction between the two cultures.”¹⁹ (MANSON, 2016). A relação de comparação explícita na versão original da carta evidenciava uma relação com um outro ator discursivo, além do brasileiro. Para esse ator, faz sentido uma comparação entre uma característica brasileira e estadunidense. Identificamos no trecho em inglês uma produção de sentido proposta pelo enunciador que busca sustentar uma dominação dos Estados Unidos perante o Brasil, que consideraria a vaidade como algo aceitável.

Como analisaremos na sequência, no eixo da legitimação de Mark Manson, o próprio fato do narrador falar tanto de “países desenvolvidos” e “sociedade que funciona” evidenciava uma comparação que, mesmo em português, já deixa evidente uma promoção de inferioridade brasileira perante estrangeiros. Da mesma forma, a interação verbal em inglês não é apenas uma exteriorização do que é partilhado socialmente, a partir não só da vivência de Manson com o Brasil, mas também com sua vida nos Estados Unidos. É possível identificar também que nessa interação verbal considera uma específica organização social do leitor, que possui contexto que dá conta de entender a comparação entre as duas culturas. A ideologia

¹⁹ Tradução minha: Eu acredito que essa é outra distinção chave entre as duas culturas”.

carregada no trecho em inglês envolve não apenas uma constatação, mas depende, para sua compreensão, que o interlocutor compartilhe a linguagem, a subjetividade e o âmbito social que afetam a compreensão do que seria a outra cultura que é comparada na narrativa.

Outra comparação que podemos fazer em relação a uma frase suprimida na tradução, no trecho em que o enunciador se referia ao senso de justiça, responsabilidade e consciência social. A versão original possui a seguinte fala: “And this is essentially why gringo countries are rich and functional and Brazil is not”²⁰ (MANSON, 2016). Podemos nos questionar sobre os motivos dessa supressão e, além disso, considerar a rede de memórias, as crenças, práticas sociais e posicionamentos dos brasileiros que leriam essa fala. A instabilidade discursiva inerente a interação verbal poderia tornar a narrativa outra. Com isso, diferentes interpretações do trecho poderiam ser feitas pelos brasileiros, que, dependendo de suas redes de memórias e tomadas de posição em relação a afirmação, poderiam concordar, discordar se irritar ou não com essa fala.

Por outro lado, ao considerar o leitor como um interlocutor socialmente organizado que não seja brasileiro, essa fala pode resgatar representações de avaliações do mundo que não incomodaria da mesma forma como geraria inconveniência ao leitor brasileiro. A instabilidade discursiva é menos inerente pois se trataria de um leitor que é um “outro” mais semelhante a Manson, podendo compartilhar a nacionalidade com ele ou a noção de países hegemônicos. Aí, novamente, a dominação ideológica é evidenciada e, pela fala, ela é estabelecida e sustentada, por meio de formas simbólicas que enunciam uma lógica de existência relativo ao poder de determinados estados-nação na sociedade.

Esse é um dos trechos que consideramos mais relevantes: “Don’t you see? When you socially punish people for their successes, then the only way to be successful is to be a lying, deceitful asshole. That is, you get Brazil.”²¹ (MANSON, 2016). Com ele, podemos considerar que a Carta também pretende explicar e contar sobre o país para um outro sujeito leitor. Quando o enunciador afirma “That is, you get Brazil”, ele afirma que, entendendo a afirmação anterior, você entendeu o que é o Brasil. E essa fala só pode ser destinada para alguém que não é brasileiro. Esse posicionamento discursivo convoca um determinado leitor, que se reconhece ao conhecer o Brasil após ler aquela constatação. Assim, o lugar de fala do enunciador é alterado, construindo sentido nesse discurso e fazendo parte de um contexto em

²⁰ Tradução minha: E é essencialmente por isso que países gringos são ricos e funcionais e o Brasil não é.

²¹ Tradução minha: Você não vê? Quando você pune socialmente pessoas pelo seu sucesso, então o único jeito de ser bem-sucedido é sendo um idiota enganador e mentiroso. Isso é, você entendeu o Brasil.

que os sujeitos presentes na interação verbal possuem textos disponíveis diferenciados àqueles presentes na Carta, ou ainda presentes na vida dos brasileiros que leriam a Carta em português. Essa fala pode fazer sentido para aqueles em um lugar em que o leitor não conheça o Brasil, mas reconheça tais características como negativas.

Mais um elemento importante para a compreensão que a Carta não é escrita originalmente para brasileiros é a diferença de como o autor se refere ao Brasil nas versões em português e inglês. Identificamos alguns exemplos:

- Most Brazilians have sacrificed a great deal for their Family”²² e “vocês brasileiros são solidários”;
- “another problem with Brazilian culture”²³ e “as pessoas por aqui”;
- “In Brazil”²⁴ e “por aqui”;
- “ there are big problems in Brazil”²⁵ e “você está passando por alguns problemas”;
- “There is a joy inside Brazil that is both rare and special”²⁶ e “você tem uma alegria que é rara e especial, Brasil”.

A partir dos exemplos anteriores, podemos visualizar duas narrativas distintas, embora extremamente semelhantes: uma narrativa é escrita em inglês falando sobre o Brasil. Outra narrativa em português é escrita para o Brasil. Há uma dominação estruturada na carta ao redor de um estado-nação hegemônico em comparação ao Brasil, que se localizaria a margem do sistema global. Concluimos assim que não é uma Carta em inglês e exclusiva para estrangeiros, mas que explica aos estrangeiros um breve relato destinado aos brasileiros. Menos como uma carta destinada ao Brasil, a versão original apresenta-se como uma narrativa que apresenta e ilustra os problemas brasileiros, como se contando ao leitor original o que seria o Brasil.

Um outro ponto a ser analisado é que, apesar de considerarmos uma carta aberta, que seria teoricamente endereçada a todos, é possível identificarmos um leitor ideal brasileiro ao qual a carta em português é realmente direcionada. Esse direcionamento é construído através da criação de um outro social, que discutiremos posteriormente, mas que é produto da expectativa do autor. A carta, então, é formulada e pensada numa tentativa de conversar e tocar

²² Tradução minha: A maioria dos brasileiros sacrificaram muito por sua família.

²³ Tradução minha: outro problema com a cultura brasileira.

²⁴ Tradução minha: No Brasil.

²⁵ Existem grandes problemas no Brasil

²⁶ Há uma alegria no Brasil que é tanto rara quanto especial

um determinado brasileiro. Além da Carta Aberta produzir sentido sobre o brasileiro, ele busca falar diretamente com *um brasileiro*, identificado por nós como “brasileiro-destinatário”.

O jogo discursivo presente na carta, então, parte de um pressuposto que o “brasileiro-destinatário” compartilharia elementos afetivos, mentais e sociais com a narrativa, de forma que suas representações coincidem com aquilo que o enunciador busca pontuar e argumentar na carta. Assim, considerar o contexto atual, o momento temporal brasileiro e a estrutura social do país são essenciais para debater sobre o leitor ideal para quem serviria a fala ideológica presente na Carta Aberta ao Brasil. Assim, a ideologia recrutaria determinados brasileiros como seus autores e sujeitos essenciais, aos quais a Carta é realmente endereçada, num ato de posicionamento discursivo que é inconsciente.

Assim, dependendo dos direcionamentos desse sujeito brasileiro, dentro de sua formação social, ele se definiria dentro da ideologia e se identificaria com a Carta Aberta. Assim, espera-se através da narrativa convocar sujeitos brasileiros através do ato de interpelação. A interpelação, na Carta aberta ao Brasil, se daria ao ponto que o leitor se identificaria dentro da ideologia. Mais do que isso, na Carta, a interpelação se daria também ao passo que o “brasileiro destinatário” não se identifica com as críticas e ações atribuídas ao que analisaremos como “brasileiros-problema” na Carta. Ao se associar e concordar com essas críticas, ele seria valorizado pelo autor da Carta como seu “brasileiro-destinatário”.

Vários trechos da Carta podem ser úteis para exemplificar a interpelação a partir do reconhecimento ou não reconhecimento do leitor com determinadas características dos “brasileiros-problema” supostas pelo enunciador da Carta. Um desses trechos é quando o enunciador afirma que a maioria dos brasileiros escolheria não denunciar um amigo que quebrou o retrovisor de um conhecido. Um outro trecho é referente a fala de que o brasileiro seria egoísta. Já um terceiro exemplo seria a fala do enunciador de que o povo brasileiro seria vaidoso.

Ao concordar ou discordar, identificar-se ou não com tais ações, o leitor se posiciona discursivamente. Como o “brasileiro-destinatário”, esse leitor veria as críticas e ações alheias a si, não se reconhecendo como responsável pela perpetuação de tais problemas. O leitor ideal seria então um refém da sociedade e das ações permitidas por essa sociedade, e ao mesmo tempo um culpado por ser conivente.

A própria discordância com as ações pontuadas da Carta é uma das responsáveis pela interpelação do “brasileiro-destinatário”. Ao não se identificar com as características pontuadas pelo enunciador da Carta ao “brasileiro-problema”, o leitor passaria a sim a se identificar como o “brasileiro-destinatário” da Carta.

A diferenciação usada entre o uso do “você” e “o brasileiro”, como retomaremos no eixo de análise sobre o “brasileiro-destinatário” e “brasileiro-problema” é extremamente relevante para considerarmos o leitor ideal da Carta e o brasileiro o qual Mark critica. É nesse momento que identificamos como, de acordo com a proposta por Bahktin (2009), a interação verbal vai considerar os interlocutores e o fato de que estes são também socialmente organizados.

É possível identificar algumas situações em que o Brasil deixa de ser essa unidade e passa a existir o leitor ideal e aquele brasileiro criticado. Por exemplo, num trecho da Carta, Manson afirma: “Eu percebo que vocês brasileiros são solidários, se sacrificam e fazem de tudo por suas famílias e amigos mais próximos e, por isso, não se consideram egoístas. Mas, infelizmente, eu também acredito que grande parte dos brasileiros seja extremamente egoísta.” (MANSON, 2016). É claro que a Carta não fala para a maioria dos brasileiros, mas sim para esses brasileiros que rompem o padrão da maioria nacional apresentada por Manson, sendo aqueles com quem ele gostaria de falar sobre a revolução interna que deve ser feita.

Essa dualidade é ainda mais evidente próxima ao final do texto, quando: “Você está ferrado. Você pode tirar a Dilma de lá, ou todo o PT. Pode (e deveria) refazer a constituição, mas não vai adiantar. Os erros já foram cometidos anos atrás e agora você vai ter que viver com isso por um tempo.” Convém seguir as orientações de Bahktin (2009) e considerar o contexto e sua determinação para a produção de sentido. Na data de publicação da Carta, fevereiro de 2016, entrávamos no momento pós eleições em que a ex-presidente Dilma Rousseff havia sido reeleita, mas parte da população queria que ela fosse impeachimada. Evidenciar a ex-presidente e seu partido demonstram que a interação verbal é pensada considerando não só quem fala, mas a quem a fala se destina. É evidente o leitor ideal, o brasileiro ao qual Manson se refere, contrário a reeleição da presidente e também às políticas públicas implementadas pelo PT.

Apesar da consideração ao redor desse leitor ideal, é preciso considerar que esse leitor ideal é uma construção do enunciador e que, portanto, não é possível identificá-lo como real. Ainda, a instabilidade discursiva postula essa impossibilidade de identificar e falar com o sujeito exato com o qual o enunciador conversa na Carta. Embora se considere na interação verbal que a narrativa é construída ao passo que é feita por alguém, que seria o Mark Manson, e para alguém, que seria o “brasileiro-destinatário” que é idealizado pelo enunciador, precisamos pontuar que a narrativa pode gerar diferentes interpretações de acordo com cada indivíduo. Essas diferentes interpretações variam de acordo com as práticas sociais de cada leitor, mobilizando sentido e gerando interpretações diversas sobre os argumentos presentes na carta. Deve-se considerar então que todos os brasileiros, cada um à sua forma, são sujeitos socialmente organizados que, não corresponderiam obrigatoriamente às expectativas e nem

concordariam com certeza com a narrativa da carta. A mudança de sentido, então, é inerente a leitura da Carta por qualquer brasileiro.

Eixo 2 - Os problemas brasileiros

O problema é a cultura. São as crenças e a mentalidade que fazem parte da fundação do país e são responsáveis pela forma com que os brasileiros escolhem viver as suas vidas e construir uma sociedade.

O problema é tudo aquilo que você e todo mundo a sua volta decidiu aceitar como parte de “ser brasileiro” mesmo que isso não esteja certo. (MANSON, 2016)

O ator discursivo da Carta Aberta ao Brasil inicia e encerra sua narrativa falando de problemas gerais do Brasil, como no trecho “Existe uma crise política, econômica, problemas constantes em relação à segurança, uma enorme desigualdade social” (MANSON, 2016) ou ao afirmar que “O problema persiste. E persiste porque ele está na mentalidade das pessoas. O ‘jeitinho brasileiro’ precisa morrer. Essa vaidade, essa mania de dizer que o Brasil sempre foi assim e não tem mais jeito (...)” (MANSON, 2016). No geral, os problemas brasileiros construídos na Carta operam o caráter ideológico da narrativa através do modo de universalização proposto por Eagleton (1997). Os problemas brasileiros se dariam, dessa forma, a partir de valores e costumes determinados pelo enunciador da Carta, mas que são projetados como valores e interesses de todo o brasileiro. Como discutimos anteriormente, precisamos lembrar que a visibilidade dada a determinados problemas brasileiros diz muito de uma descrição do próprio autor, de acordo com a dimensão social que permitiu que esse flexionasse sua representação ao redor do Brasil. Cabe também verificar que só se pode chegar a tal narrativa considerando que essa interação verbal carrega marca das plurais ideologias que perpassam o narrador da Carta, sendo uma exteriorização do que foi partilhado socialmente com ele. Assim, discutimos na sequência o ato de visibilidade e invisibilidade perante os problemas brasileiros elencados a seguir.

Além da forma geral como o enunciador da carta visualiza os problemas do Brasil e, especificamente, do brasileiro, a Carta Aberta ao Brasil apresenta também alguns argumentos-chave sobre o país, que ajudam na construção do problema geral enunciado acima. Esses problemas, que teoricamente fariam “parte de ser brasileiro”, seriam o egoísmo, a preocupação com as aparências e a auto sabotagem.

O *egoísmo* brasileiro é abordado na carta através de três processos, sendo o primeiro deles feito através da exemplificação para seu leitor. Utilizando a narrativização como modo de operação da ideologia, a história que o enunciador apresenta permite que o leitor escolha entre duas hipóteses de ação: contar ou não que um amigo quebrou o retrovisor de um conhecido seu. O enunciador conclui que a maioria dos brasileiros escolheria não contar, reforçando uma ordem

aparente que não é obrigatoriamente referente ao real. Ao determinar que acredita a maioria dos brasileiros teria fingido não saber dessa história, identificamos a estratégia da padronização. Essa não passa de uma construção simbólica, que define um referencial padrão que seria compartilhado entre a maioria dos brasileiros segundo o enunciador da Carta. Apresenta-se dessa forma a tentativa de emparelhamento dos cidadãos brasileiros, o que, com o suporte de nossa discussão de Hall (2011), já identificamos não ser verídica, já que é preciso considerar a sociedade como uma unidade complexa e repleta de diferenças.

O segundo processo utilizado para ilustrar na Carta esse egoísmo seria a comparação. Manson justifica o egoísmo brasileiro numa oposição ao senso de justiça e responsabilidade que é, segundo ele, muito presente nos países mais desenvolvidos. Desde o princípio da argumentação, é possível identificar a estratégia da simbolização da unidade em relação aos estrangeiros oriundos desses países que, de acordo com o autor, são considerados desenvolvidos. Recuperando a discussão que já fizemos em relação ao brasileiro e não-brasileiro na carta, essa fala relativa ao não-brasileiro possui grande valor simbólico, garantindo o caráter ideológico da Carta. O autor não apenas cria uma ordem aparente relacionada aos “gringos”, mas coloca-os em um grupo de identificação coletiva, como se todos os sujeitos nascidos nos países mais desenvolvidos possuíssem as características que Mark apresenta como positiva.

Mais importante do que essa simbolização da unidade em relação ao estrangeiro, nos importa identificar que ao mesmo tempo desenvolve-se também uma oposição entre o brasileiro e esses “principais pilares de uma sociedade que funciona” (MANSON, 2016). Como artifício da objetividade que constrói sentido sobre o outro, o enunciador faz então uma transposição de mundos que estrutura sob suas expectativas e cria uma ordem aparente em relação ao que faz parte de “uma sociedade que funciona”. Sendo então o egoísmo um pilar não correspondido, ele acaba enaltecendo uma suposta inferioridade brasileira.

O autor aproxima muito esse egoísmo da solidariedade brasileira, mas de uma solidariedade que seria relativa. Isso porque, para o autor, os brasileiros são muito dedicados a suas famílias e próximos, auxiliando-os de forma muito solidária. E, exatamente por fazer determinadas coisas pelos seus conhecidos, esses brasileiros seriam egoístas: “[...] acredito que grande parte dos brasileiros seja extremamente egoísta, já que priorizar a família e os amigos mais próximos em detrimento de outros membros da sociedade é uma forma de egoísmo.” (MANSON, 2016).

Para justificar a fala anterior, o terceiro processo proposto pelo autor é uma caracterização da atitude egoísta. Para isso, o autor aborda os políticos corruptos, considerando que suas razões para a corrupção são as mesmas as quais o resto da sociedade brasileira têm ao

ajudar e ser solidário com as pessoas próximas. Essa fala metafórica é construída colocando no mesmo nível o nepotismo e a solidariedade, estabelecendo relação entre se sacrificar e fazer de tudo por sua família ou ser corrupto pensando em beneficiar sua família.

Outro problema brasileiro evidenciado como argumento-chave na Carta Aberta é a *vaidade*. Como já evidenciamos no primeiro eixo de análise, é possível identificar uma dualidade entre o sentido da palavra *vaidade* em português, e o *vain*, em inglês. Apesar disso, podemos verificar que a construção desse problema não se dá ao redor da *vaidade* em si, mas no sentido da preocupação com as aparências, evidenciado por Manson pela suposta necessidade dos brasileiros de se sentirem especiais, importantes e bem-sucedidos. Aí sim, a *vaidade* encontra correspondência com a palavra *vain* em inglês. Nesse sentido, o autor afirma que a aparência é uma grande preocupação nacional, fazendo com o que os brasileiros queiram exibir e ter o que eles não poderiam.

O autor utiliza novamente o atributo da exemplificação. Dessa vez, a exemplificação é oriunda de uma viagem em que ele e sua noiva fizeram e se decepcionaram com a feiura do lugar, e, ao relatar essa viagem, ficaram surpresos com a reação de algumas pessoas:

Quando contamos para as pessoas sobre a nossa percepção, algumas delas imediatamente disseram: “Ah, pelo menos você pode ver e tirar algumas fotos nos pontos turísticos, né?”

Parece uma frase inocente, mas ela ilustra bem essa questão da *vaidade*: as pessoas por aqui estão muito mais preocupadas com as aparências do que com quem eles realmente são.

É claro que aqui não é o único lugar no mundo onde isso acontece, mas é muito mais comum do que em qualquer outro país onde eu já estive. (MANSON, 2016)

Ao falar sobre “as pessoas por aqui” e “é muito mais comum do que em qualquer outro país onde eu já estive”, podemos verificar o uso da estratégia da universalização, como se todos tivessem aquela conduta. Da mesma forma, esse problema diz de uma tentativa de desvalorização social do “brasileiro-problema”, considerando-os superficiais de forma universalizante. Nesse trecho, não são apresentadas dissonâncias entre as pessoas, garantindo à narrativa um caráter unificador proposto através de um julgamento moral do comportamento do outro brasileiro.

A forma como os brasileiros dariam importância às aparências é caracterizada de várias formas, de acordo com sua classe social. No caso, o autor pontua comportamentos diferentes aos identificados como “brasileiros ricos”, “brasileiros” e “brasileiro que nasceu pobre”:

Isso explica porque os *brasileiros ricos* não se importam em pagar três vezes mais por uma roupa de grife ou uma jóia [sic] do que deveriam, ou contratam empregadas e babás para fazerem um trabalho que poderia ser feito por eles. É uma forma de se sentirem especiais e parecerem mais ricos. Também é por isso que *brasileiros* pagam tudo parcelado. Porque eles querem sentir e mostrar que eles podem ter aquela super TV mesmo quando, na realidade, eles não tenham dinheiro para pagar. No fim das contas, esse é o motivo pelo qual um *brasileiro que nasceu pobre* e sem oportunidades está disposto a matar por causa de uma motocicleta ou sequestrar alguém por algumas

centenas de Reais. Eles também querem parecer bem sucedidos, mesmo que não contribuam com a sociedade para merecer isso. (MANSON, 2016, grifo meu)

Nos três casos, o uso da sinédoque, inserida no modo tropo de operação da ideologia é muito evidente. Os termos genéricos “ricos” ou “pobres” não dão conta de construir uma referência em relação as atitudes descritas sobre um grupo social como um todo, como é feito na Carta. No ato, é desconsiderado, portanto, o caráter individual de escolhas como pagar mais por uma roupa, comprar uma TV que não tenha dinheiro para pagar e até mesmo matar ou sequestrar. Evidenciamos assim como o uso das figuras de linguagem são sutis, mas, contudo, mobilizam muito sentido, possibilitando generalizações e estabelecimento de dominações.

Considero crucial desconstruir e analisar também a avaliação do mundo postulada por meio da representação do brasileiro pobre que estaria disposto a matar:

No fim das contas, esse é o motivo pelo qual um brasileiro que nasceu pobre e sem oportunidades está disposto a matar por causa de uma motocicleta ou sequestrar alguém por algumas centenas de Reais. Eles também querem parecer bem sucedidos [sic], mesmo que não contribuam com a sociedade para merecer isso. (MANSON, 2016)

Essa fala, mais do que estar apenas inserida numa prática social ideológica de dominação perante ao “pobre”, é repleta de modos de operação da ideologia. O modo da reificação é explorando tanto a partir da naturalização quanto da eternalização. Primeiramente pela naturalização, ao ponto que a frase é explicada como se fosse natural, desconsiderando um caráter sócio histórico que associa a pobreza ao crime. Ao mesmo tempo, a eternalização é exibida pela caracterização de que uma pessoa empobrecida não contribui com a sociedade, e por isso não é bem-sucedida. Essa fala é dada como recorrente e permanente e, novamente, ignora um caráter sócio histórico.

A operação ideológica se dá ainda pelo mecanismo da universalização apresentado por Eagleton. Mesmo que na fala de Manson esteja evidenciado as palavras “um brasileiro”, é possível identificar o caráter de generalização da fala, colocando um brasileiro empobrecido como um exemplo para uma conduta, embora não seja possível definir essa índole como universal.

Na fala, ao utilizar os modos de operação da ideologia, o enunciador não alcança a verdadeira questão da desigualdade social brasileira e má distribuição de renda nacional. Ao convocar apenas uma questão de aparências, ele ignora um grande problema do país. Trata-se de invisibilidade de um grande problema brasileiro que poderia ser pautado na Carta. Matar e sequestrar não são atitudes naturais de uma pessoa pobre, mas, sim, dizendo muito sobre a dimensão social que ajudou Manson a construir sua representação em relação ao pobre. Essa fala diz muito sobre a construção de realidade, os universos simbólicos e os textos disponíveis a ele.

Considerando esse universo simbólico do enunciador, ele apresenta ainda uma constatação que funciona como a apresentação de uma forma lúcida para solucionar esse problema:

Vaidade não traz felicidade. Vaidade é uma versão “photoshopada” da felicidade. Parece legal vista de fora, mas não é real e definitivamente não dura muito. Se você precisa pagar por algo muito mais caro do que deveria custar para se sentir especial, então você não é especial. Se você precisa da aprovação de outras pessoas para se sentir importante, então você não é importante. Se você precisa mentir, puxar o tapete ou trair alguém para se sentir bem sucedido, então você não é bem sucedido. Pode acreditar, os atalhos não funcionam aqui. (MANSON, 2016)

O problema brasileiro relacionado às aparências dá sequência ao próximo problema identificado na carta, que é, para o ator discursivo, o fato do brasileiro *evitar o confronto*. A ligação desse problema ao anterior se dá ao ponto que os brasileiros preferem não enfrentar e confrontar uns aos outros exatamente porque querem receber aprovação e se sentirem especiais. Ao não confrontar, o enunciador identifica a geração de um problema considerado ainda maior abordado na Carta. Esse traz a noção de que os brasileiros recompensam mais o que é chamado de “vítimas” do que as pessoas que, para o autor, são “pessoas talentosas que poderiam criar o progresso e a inovação que esse país tanto precisa” (MANSON, 2016). Assim, de acordo com o autor, é criada o que ele chama de *auto sabotagem* brasileira, impedidora do seu progresso. A partir do princípio de “todo mundo quer ser legal com todo mundo” (MANSON, 2016), o autor busca justificar e exemplificar esse problema brasileiro pontuando algumas situações:

Por aqui, se alguém está 1h atrasado, todo mundo fica esperando essa pessoa chegar para sair. Se alguém decide ir embora e não esperar, é visto como cuzão. Se alguém na família é irresponsável e fica cheio de dívidas, é meio que esperado que outros membros da família com mais dinheiro ajudem a pessoa a se recuperar. Se alguém num grupo de amigos não quer fazer uma coisa específica, é esperado que todo mundo mude os planos para não deixar esse amigo chateado. Se em uma viagem em grupo alguém decide fazer algo sozinho, este é considerado egoísta. (MANSON, 2016)

Na sequência dessa pontuação de exemplos, o enunciador da Carta evidencia que, ao contrário daquelas ações, é necessário confrontar para gerar o progresso. Isso demandaria uma oposição ao “não confrontar e ser boa praça” (MANSON, 2016). A partir dessa afirmação, nos questionamos então sobre a correspondência entre o não confronto dos exemplos citamos acima e o progresso. Inicialmente, qual progresso se daria se os brasileiros deixassem de esperar um amigo atrasado, por exemplo? Buscamos então pontuar a estruturação interna da fala, apontando certas especificidades na narração. A sequência da Carta nos faz concluir que, na realidade, os exemplos acima são simplistas se comparados ao progresso e confronto que o autor realmente pretende pontuar. Vale, portanto, como Braga (2000) propõe, articular a relação do confronto e progresso com outros enunciados da narrativa:

Por um lado, quando você recompensa uma pessoa que falhou ou está fazendo algo errado, você está dando a ela um incentivo para nunca precisar melhorar. Na verdade,

ocês fazem com que ela fique sempre contando com a boa vontade de alguém em vez de ensiná-la [sic] a ser responsável.

Por outro lado, quando você pune alguém por ser bem resolvido, você desencoraja pessoas talentosas que poderiam criar o progresso e a inovação que esse país tanto precisa. Você impede que o país saia dessa merda que está e cria ainda mais espaço para líderes medíocres e manipuladores se prolongarem no poder. (MANSON, 2016)

Ao falar de líderes medíocres, retomamos a noção sobre a quem a Carta era endereçada, sendo leitores que se opunham ao governo da presidente Dilma Rousseff e do PT. Além disso, a dualidade expressa entre a recompensa e a punição nos chama atenção para uma incoerência da fala. As pessoas que “poderiam criar o progresso e a inovação” não são a oposição apenas daquelas “vítimas” consideradas a partir dos exemplos dados pelo autor da Carta, como o amigo que se atrasa ou o parente endividado. A construção das vítimas, nesse sentido, é implicitamente edificada na sequência da narrativa, em que encontramos em seguida mais indícios do que seria então essas vítimas: “E assim, você cria uma sociedade que acredita que o único jeito de se dar bem é traindo, mentindo, sendo corrupto, ou nos piores casos, tirando a vida do outro” (MANSON, 2016).

Partimos então da proposição que a pessoa disposta a matar faz também parte daquele grupo evidenciado por Manson no problema brasileiro anterior. Esse grupo, quando se falava em relação a vaidade, era identificado como um “brasileiro que nasceu pobre e sem oportunidades” e que teria como consequência a disposição a matar ou sequestrar alguém. É possível alinhar esses sujeitos elencados pelo enunciador da Carta como parte do grupo daqueles “falham”, “fazem algo de errado”, “não melhoram” e “não são responsáveis”. É possível identificar então a operação da ideologia na Carta através da universalização, como é proposta por Thompson. De acordo com esta estratégia, apreendemos a característica de ser “independente e bem resolvido” como um acordo que é uma opção de escolha apenas para alguns indivíduos, mas “são apresentados como servindo aos interesses de todos, e esses acordos são vistos como estando abertos, em princípio, a qualquer um que tenha habilidade e a tendência de ser neles bem-sucedido” (THOMPSON, 2011, p. 83). A universalização funciona na narrativa propondo a possibilidade das pessoas - no caso da narrativa, as pessoas empobrecidas abordadas na carta - “melhorarem”, “serem responsáveis”, se tornando “independentes e bem resolvidas”, de acordo com as expectativas explícitas na carta. Nessa representação, a estratégia da universalização apresenta na carta um determinismo social que supõe que ser independente e bem resolvido é algo que pode ser alcançado a partir do desejo dos indivíduos. Essa representação desconsidera o caráter sócio histórico, a estrutura social e o momento temporal brasileiro atual que constitui a pobreza e a desigualdade social. Por isso, ao tratar essas pessoas como vítimas ou pessoas que falharam, a Carta é determinista e não dá conta de explicar a complexidade social brasileira.

Assim como a fala relativa ao brasileiro pobre no problema da vaidade, a fala sobre uma pessoa que é “vítima” edifica uma definição de quem seriam essas vítimas. A representação dessa auto sabotagem brasileira não retoma a questão de oportunidades, mas sim um determinismo social que vincula pobreza à violência.

Cabe a nós considerarmos a construção de um sentido na fala do enunciador da Carta usando a universalização como uma hipótese que dependeria apenas do interesse dessas pessoas. Com essa afirmação, o uso das aspas ao falar “vítimas” ganha ainda mais valor, não sendo apenas inocência ou modo de dizer, mas fazendo parte de uma eufemização com poder forte para identificar essas vítimas como pessoas que não se desenvolveram por não quererem, mas que foram recompensadas. E, da mesma forma como discutimos ao evidenciar o problema determinado por Manson relativo à vaidade, vale a pena retomar a representação de Manson em relação àquilo que deve ser recompensado ou punido. Isso porque outras incongruências na fala passam a nos gerar questionamentos. Ao considerar o caráter meritocrata da dualidade entre as “vítimas” e as “pessoas bem-sucedidas”, nos questionamos quais seriam essas recompensas dadas atualmente, de acordo com Manson, às pessoas consideradas vítimas? E quase seriam as punições dadas as pessoas que criariam o progresso e inovação ao país? É importante evidenciar a criação de uma figura de alteridade nesse relato, como já abordamos na nossa análise. Assim, esse outro é postulado a partir das expectativas, espaço social e rede de memórias de Manson, de acordo com uma representação que cria um sistema de interpretação sobre o outro brasileiro.

Assim como a explicação do problema brasileiro anterior, a discussão sobre a auto sabotagem brasileira também é encerrada com a solução proposta pelo autor da Carta:

As vezes, a melhor coisa que você pode fazer por um amigo que está sempre atrasado é ir embora sem ele. Isso vai fazer com que ele aprenda a gerenciar o próprio tempo e respeitar o tempo dos outros.

Outras vezes, a melhor coisa que você pode fazer com alguém que gastou mais do que devia e se enfiou em dívidas é deixar que ele fique desesperado por um tempo. Esse é o único jeito que fará com que ele aprenda a ser mais responsável com dinheiro no futuro. (MANSON, 2016)

Ao fim da argumentação dos problemas brasileiros na Carta, o ator discursivo propõe como solução que as pessoas devam se responsabilizar pelos seus atos sem considerar as demais pessoas. Justificado pela operação ideológica identificada como racionalização, essa fala final busca uma composição do que seria “certo” para a sociedade brasileira.

Na sequência Manson apresenta os últimos problemas brasileiros, concentrados no argumento que o país “não vai melhorar tão cedo” (MANSON, 2016). A argumentação é então centrada em elementos do contexto atual do Brasil, como os baixos preços da commodities e as dívidas que não serão pagas devido ao aumento do dólar. Como abordaremos no eixo de análise

relativo a legitimação do enunciador da Carta, nesse momento é utilizada uma estratégia de legitimação, apoiando-se também numa argumentação que mantém relação de poder ligadas a operação da racionalização, através da apresentação de argumentos factuais que justifiquem e garantam concordância com a afirmação do autor.

Apesar de reconhecer esse problema como uma situação transitória, já que o autor afirma que “as coisas não vão melhorar nessa década” (MANSON, 2016), identificamos o uso do mecanismo da reificação na fala. Apesar de afirmar que esses problemas evidenciados não se resolverão nessa década ou tão cedo, desenvolve-se um sentido de permanência atemporal desse problema. Cabe ainda afirmar, como vamos analisar no eixo seguinte, referente a construção do “brasileiro-destinatário” e “brasileiro-problema” na Carta, que esse eixo é o que mais fica evidente que os problemas não são relacionados ao interlocutor da carta. Na sequência, discutiremos essa construção de sentido ao redor dos tipos diferentes de brasileiros.

Eixo 3 – Construção dos brasileiros na Carta - Você e “os brasileiros”

Podemos identificar, na narrativa da Carta Aberta ao Brasil, uma construção discursiva que se baseia na avaliação do mundo do enunciador da Carta. Assim, o conteúdo da carta é proposto a partir da prática e experiência social do narrador em relação aos brasileiros. Mais do que isso, as relações inconscientes e afetivas que Manson desenvolve com o mundo são significativas para desenvolver a forma como ele se relaciona com a realidade social no Brasil.

Por meio de complexos sistemas de representação do autor discursivo, oriundas de sua prática e experiência social em relação aos brasileiros, o autor possibilita a construção de forma ideológica dos brasileiros em sua carta. A construção da alteridade na Carta Aberta se dá não apenas pela identificação de um brasileiro, mas na edificação de duas figuras de alteridade que analisaremos como “brasileiro-destinatário” e “brasileiro-problema”. O lugar de fala de Manson angula então como deve ser visualizado o sentido ao redor desses dois outros sociais, que seriam as únicas categorias possíveis aos brasileiros. Com isso, a situação narrativa é constituída a partir dessas duas figuras inseridas nos sistemas de representações do enunciador.

A primeiro dessas figuras de alteridade que consideraremos para essa análise é o “brasileiro-problema”. Edificado através de diversos exemplos de problemas brasileiros pelo enunciador, podemos identificar que essa produção de sentido sobre o outro funciona como o que Hall (2011) consideraria um emparelhamento. Este dá ao fixar significados estabelecendo equivalências e conformando-os dentro de uma totalidade social que possui determinados costumes, hábitos e características como o egoísmo, a vaidade, a superficialidade e o vitimismo.

Um dos exemplos identificados em relação a esse “brasileiro-problema” seria a referência que a maioria dos brasileiros escolheriam a alternativa de se calar em caso de um colega bater no carro de outro. O emparelhamento desenvolvido por Manson aparenta-se desconexo, ao ponto que não condiz com a realidade, mas sim constrói outros sociais que não necessariamente reais, desenvolvendo uma repressão desse outro. Não é possível constituir uma unidade brasileira a partir de argumentos como a denúncia ou não de uma batida carro. Nem mesmo é possível garantir que essa seria a escolha dessa maioria dos brasileiros, mas a fala estigmatiza e constrange os cidadãos dentro desse grupo. Podemos identificar aí a estratégia da *sinédoque*, inserida no tropo no modo de operação da ideologia conhecido dissimulação. Ela é considerada por Thompson (2011) como uma generalização de um todo ao se referir a um fragmento específico das relações sociais, ou o contrário, generaliza uma parte como se ela dissesse respeito ao todo. Assim, tira-se a especificidade em certos relatos, considerando a coletividade de forma ampla, mas sem considerar seus elementos diferenciadores. Thompson traz como exemplo, nesse caso, o uso de termos genéricos como “os americanos”, que determina um grupo dentro de um estado-nação, mas ignora outros os quais também são inclusos nessa nomeação. Identificamos no mesmo sentido na afirmação “grande parte dos brasileiros”.

Esse é o exemplo de um emparelhamento que ignora as contradições e complexidade da sociedade ao passo que estigmatiza um grupo social e institui realidade. Assim, a construção de alteridade seria identificada como um ato ideológico. Ela se mostra mais eficiente como uma estrutura proposta de acordo com as práticas sociais do autor da carta. Então, considerando o grupo social no Brasil com o qual Manson convive, consideramos que a atuação social uniformiza fontes, produz sentido e determina as coisas que existem ao redor do narrador. A determinação que a maioria dos brasileiros se calaria pode ser determinada então apenas como um posicionamento do ator discursivo.

Cabe apresentar um outro exemplo é muito evidente para a identificação de diversos brasileiros na narrativa da Carta:

No fim das contas, esse é o motivo pelo qual um brasileiro que nasceu pobre e sem oportunidades está disposto a matar por causa de uma motocicleta ou sequestrar alguém por algumas centenas de Reais. Eles também querem parecer bem-sucedidos, mesmo que não contribuam com a sociedade para merecer isso. (MANSON, 2016)

Nesse ato, é generalizado uma ação a partir de um grupo social. Nesse sentido, há uma hierarquização de sujeitos num processo de constrangimento que cria estigmas. Ainda, é aí que se constrói uma dissimulação textual, sendo essa umas das estratégias elencadas nos modos operação de ideologia apresentado por Thompson (2011). Aqui, é possível observar a ideologia

sendo operada novamente através da sinédoque. Manson, nesse momento, trabalha-se a ordem social sem considerar que determina a generalização de um todo. A suposição de Thompson, relativa a necessidade de sempre examinar os contextos e circunstâncias que produzem os sentidos das operações ideológicas dão mais ainda a comprovação do caráter ideológico da fala. A generalização é referente a um grupo social que é maioria no país e considera sua coletividade de forma ampla, num ato repressivo, estigmatizado e preconceituoso. Assim, fica implícito que todo indivíduo que é parte daquela parcela da sociedade tem tal atitude, ignorando que esse outro social que o enunciador considera pobre pode possuir diferentes opiniões e ações, não sendo uma totalidade de pessoas que roubam.

Em toda a Carta, é possível identificar diversos exemplos dos “brasileiros-problema”, alheios ao “brasileiro-destinatário”. Além das afirmações referentes a batida de carro e a tentativa sequestrar alguém para receber recursos que tornem o cidadão bem sucedido, a Carta também apresenta trechos como “grande parte dos brasileiros são extremamente egoísta”, “um brasileiro prejudica outro cidadão”, “gringos acham os brasileiros preguiçosos”, “essa vaidade faz com que seu povo evite bater de frente”, “os brasileiros recompensam as vítimas”.

Todas essas afirmações partem de um lugar de fala que determinam um brasileiro a partir de seus supostos defeitos e problemas. O fato dos “gringos acharem os brasileiros preguiçosos”, por exemplo, demonstra que o parâmetro para mobilização do brasileiro seria o olhar desse “gringo”. Esse estabelecimento de equivalências faz parte de um ato ideológico, já que não é possível comprovar a correspondência aos argumentos apresentados. Apesar disso, determinadas afirmações presentes na carta podem ser discorridas, como “os brasileiros pagam tudo parcelado” e que “sua população não é do tipo que poupa e sim, que se endivida.” A Carta se apresenta como uma produção de discurso homogeneizante, apoiada em senso comuns no julgamento moral da população brasileira. Nesse sentido, justifica-se que a Carta seja toda construída ao redor de operações da ideologia que unificam, padronizam, criam simbolizações de unidade.

Ao mesmo tempo, a carta deixa muito evidente que há também um brasileiro que não compartilhada aqueles problemas, costumes e hábitos brasileiros abordados anteriormente. Esse brasileiro é a quem a carta é endereçada, quem estruturamos como o “brasileiro-destinatário”. Esse brasileiro seria quem quebra a simbolização da unidade na narrativa dos problemas dos brasileiros. Isso porque, ao mesmo tempo que Manson recorre a uma identidade coletiva que todo mundo se reconhece ao instituir o “brasileiro-problema”, essa unidade nacional é quebrada por ele mesmo através de uma estratégia de fragmentação. Esta dá conta de diferenciar sutilmente o uso do “brasileiro” ao uso do “você” na narrativa, fazendo com que a simbolização da unidade

diga sim sobre um brasileiro, mas destacando a diferença para um outro tipo de brasileiro. Ao falar, por exemplo, que “as pessoas por aqui estão muito mais preocupadas com a aparência do que com quem eles realmente são” (MANSON, 2016) não é possível identificar uma relação ao interlocutor da carta, mas sim, uma referência a um brasileiro que é apresentado como “eles”, alheio a relação entre narrador-interlocutor.

No início da carta essa dualidade já fica muito clara, ao ponto que o autor, ao afirmar que o problema do Brasil seria “você”, ele afirma que esse “Você é parte do problema. Eu tenho certeza de não é proposital, mas você não só é parte, como está perpetuando o problema todos os dias.” (MANSON, 2016). Na construção da narrativa em toda a sequência da carta, essa sensação de ser parte do problema é evidente no sentido que o “brasileiro-destinatário” seria parte do Brasil, mas que os problemas brasileiros em si são motivados por outros brasileiros. Postula-se dessa forma na narrativa a fragmentação, diferenciação e expurgo do outro em referência a esse “brasileiro-problema”. Esses usos ficam muito claros também se retomarmos o seguinte fragmento abordado no eixo 1:

Eu percebo que vocês brasileiros são solidários, se sacrificam e fazem de tudo por suas famílias e amigos mais próximos e, por isso, não se consideram egoístas.

Mas, infelizmente, eu também acredito que grande parte dos brasileiros seja extremamente egoísta, já que priorizar a família e os amigos mais próximos em detrimento de outros membros da sociedade é uma forma de egoísmo. (MANSON, 2016)

Embora tanto o “vocês brasileiros” e o “grande parte dos brasileiros” sejam referentes ao ato de priorizar famílias e amigos, fica claro uma dualidade entre o primeiro e o segundo tipo de brasileiros. Há uma divergência entre a representação do “vocês brasileiros”, que são solidários, e a representação da “maioria dos brasileiros”, que são egoístas. Nesse momento, podemos identificar também o artifício da objetividade a favor da construção da alteridade. A efetuação de uma oposição descritiva entre o “brasileiro-destinatário” e o “brasileiro-problema” faz parte de uma transposição do mundo que justifica aquele outro brasileiro criado por Manson. É um processo que transporta as diferenças, e que institui realidade que é concordada com o leitor. Esse ato acrescenta, como discutimos com Dionízio (2011), um grande caráter inventivo e poder ordenador à narrativa.

Essa dualidade entre o “você”, referente ao “brasileiro-destinatário”, e “os brasileiros”, referente ao “brasileiro-problema”, é amplamente evidenciado ao final da Carta. Como já apresentamos na análise sobre os problemas do país, um dos últimos argumentos relativos aos problemas brasileiros refere-se ao contexto de uma crise econômica, política, de dívidas e desemprego. Nesse momento, os problemas são alheios ao “brasileiro-destinatário”.

Os problemas são de responsabilidade de um outro brasileiro, o “brasileiro-problema”, que no caso é abordado como o político, o empresário, o cidadão endividado. O “brasileiro-destinatário” é no caso, alguém atingido e conivente com aqueles problemas e àquele outro brasileiro. Nesse sentido, até mesmo o leitor ideal da Carta é encorajado, durante a narrativa, a se desenvolver e aprender lições que seriam eficientes na opinião do enunciador. Faz-se assim uma tentativa de convencimento do enunciador que determinadas atitudes cotidianas do brasileiro estariam erradas, numa busca por desenvolvimento desse “brasileiro-destinatário”. Isso fica evidente, ao passo que o enunciador afirma:

Você está ferrado. Você pode tirar a Dilma de lá, ou todo o PT. Pode (e deveria) refazer a constituição, mas não vai adiantar. Os erros já foram cometidos anos atrás e agora você vai ter que viver com isso por um tempo.

Se prepare para, no mínimo, 5-10 anos de oportunidades perdidas. Se você é um jovem brasileiro, muito do que você cresceu esperando que fosse conquistar, não vai mais estar disponível. Se você é um adulto nos seus 30 ou 40, os melhores anos da economia já fazem parte do seu passado. Se você tem mais de 50, bem, você já viu esse filme antes, não viu? (MANSON, 2016)

Se os erros já foram cometidos anos atrás, a fala significa que o “brasileiro-destinatário” é apenas ao mesmo tempo vítima e culpado por ser conivente àqueles erros alheios, e terão que conviver com aqueles erros que demorarão para passar. A crítica cultural é fundada nesse sentido, de forma que nem mesmo o “brasileiro-destinatário” seria bom o suficiente para o enunciador. A alteridade proposta por Dionízio (2011) e os elementos reais do universo compartilhados pelo interlocutor e narrador são recorridos como forma de produção de sentido sobre o texto nesse momento. Apresenta-se também o modo de operação da ideologia ao redor da fragmentação, já que esses “brasileiros-problema” seriam o desafio para superar os problemas apresentados anteriormente. Podemos, inclusive, fazer uma comparação com uma afirmação do início do texto, em que Manson evidencia 5 vezes, que o problema seria “você”. No caso, esse “você” diz respeito a ambos os brasileiros, já que os erros do “brasileiro-problema” e a conivência do “brasileiro-destinatário” seriam responsáveis pelos problemas brasileiros.

Na sequência desse trecho de culpabilização, o enunciador da Carta determina o “brasileiro-destinatário” como quem é capaz de solucionar os problemas brasileiros identificados na narrativa, dependendo, contudo, que este siga as propostas do narrador presentes na Carta. Assim, apesar do “brasileiro-problema” não mudar, a revolução precisa ser interna, feita pelos “brasileiros-destinatários”:

O “jeitinho brasileiro” precisa morrer. Essa vaidade, essa mania de dizer que o Brasil sempre foi assim e não tem mais jeito também precisa morrer. E a única forma de acabar com tudo isso é se cada brasileiro decidir matar isso dentro de si mesmo. Ao contrário de outras revoluções externas que fazem parte da sua história, essa revolução precisa ser interna. Ela precisa ser resultado de uma vontade que invade o seu coração e sua alma.

Você precisa escolher ver as coisas de um jeito novo. Você precisa definir novos padrões e expectativas para você e para os outros. Você precisa exigir que seu tempo seja respeitado. Você deve esperar das pessoas que te cercam que elas sejam responsabilizadas pelas suas ações. Você precisa priorizar uma sociedade forte e segura acima de todo e qualquer interesse pessoal ou da sua família e amigos. Você precisa deixar que cada um lide com os seus próprios problemas, assim como você não deve esperar que ninguém seja obrigado a lidar com os seus. (MANSON, 2016)

O “brasileiro-destinatário” é apresentado, no encerramento da narrativa, como aquele capaz de mudar os problemas construídos pelo “brasileiro-problema”. O uso de falas como “você precisa” fazem parte então da estruturação interna da fala que produz dominação e promovem a orientação para ação do “brasileiro-destinatário” definindo metas e imperativos a ele, que deve ser feita através daquilo que o autor define como “revolução interna”.

No final da Carta, há ainda uma personalização do próprio país. A diferenciação dos brasileiros dentro da Carta vai, então, além das vezes que o autor apresenta os termos “os brasileiros” e “você”. O uso do “você”, na Carta Aberta ao Brasil, compreende um terceiro interlocutor: o país Brasil. Mark inicia e finaliza sua publicação utilizando o pronome de tratamento para se referenciar ao país como um todo. Assim, ele utiliza várias vezes o pronome de tratamento referenciando ao Brasil como país: “estou te deixando”, “você está passando por alguns problemas”, “sua cultura”, “seu povo também é muito vaidoso, Brasil”, “Só que em breve, Brasil, você será parte da minha vida”, “sua população” e “você tem uma alegria que é rara e especial, Brasil”. Nesse ato, Mark faz um movimento que postularia que, com a presença do enunciador da Carta no país e de acordo com suas expectativas, os cidadãos brasileiros deveriam ser estimulados a evoluir. Ao falar ao Brasil, ele demonstra no início e reitera no fim de sua narrativa, que seu objetivo é falar não apenas com o todo brasileiro, mas com o país em si. Esse ato procura passar a ideia de que a narrativa é de validade para o país como um todo.

Novamente, identificamos aí a busca pela totalidade social, ignorando que o Brasil é repleto de divergências, contradições sociais e especificidades. A conformação proposta na Carta demonstra uma unidade que é rapidamente desmanchada. O emparelhamento dos cidadãos, juntamente à generalização de seus atos, diz muito sobre a construção de alteridade e das operações de falas ideológicas que mantêm relações de dominação, apagando a complexidade do brasileiro.

Eixo 4 – A legitimidade de Mark Manson

Durante esse tempo em que estive aqui, eu conheci muitos brasileiros que me perguntavam: “Por que? Por que o Brasil é tão ferrado? Por que os países na Europa e América do Norte são prósperos e seguros enquanto o Brasil continua nesses altos e baixos entre crises década sim, década não?”

No passado, eu tinha muitas teorias sobre o sistema de governo, sobre o colonialismo, políticas econômicas, etc. Mas recentemente eu cheguei a uma conclusão. Muita gente provavelmente vai achar essa minha conclusão meio ofensiva, mas depois de trocar várias ideias com alguns dos meus amigos, eles me encorajaram a dividir o que eu acho com todos os outros brasileiros. (MANSON, 2016)

A construção da autoridade de Mark Manson da Carta Aberta ao Brasil se dá através de um processo complexo proposto pelo autor da carta. Com o suporte de Eagleton (1997) e Thompson (2011) consideramos a legitimação como um modo e estratégia de operação da ideologia, proposta através de fundamentos tradicionais, racionais e carismáticos. Essas atuam na construção de sentido da fala do autor, preservando as relações de dominação em relação ao leitor.

A estratégia de legitimação é verificada ao buscar definir autoridade, legalidade e credibilidade à Carta. Primeiramente, os fundamentos racionais seriam apresentados em todo o relato através de afirmações sobre o funcionamento da sociedade brasileira. Esse uso faria parte de uma tentativa de abordar situações da história brasileira e atualidade, vivenciadas e compartilhadas pelos seus cidadãos. Assim, o enunciador utiliza a estratégia da *racionalização* ao se apoiar nesses fatos históricos e atuais para construir uma cadeia de raciocínio, gerando concordância e demonstrando que o autor da Carta conheceria o contexto vivenciado pelo país e também sua história. No decorrer da Carta, vários exemplos podem ser apresentados nesse sentido: a existência da desigualdade social no país; o colonialismo; a crise política e econômica; o escândalo da Petrobrás; o desejo da retirada da então presidente Dilma Rousseff e seu partido do poder no momento em que a Carta foi publicada, em fevereiro de 2016, o Zika vírus e até mesmo pela evidencia do “jeitinho brasileiro”, que é uma referência compartilhada no coletivo brasileiro.

O autor busca inferir que os fatos da atualidade não são os responsáveis pela conclusão que o blogueiro chegou sobre o problema do Brasil, a qual o incentivou a escrever sua carta. Através daqueles elementos, verificáveis pelo leitor, constrói-se o raciocínio do autor e, assim, desenvolve-se uma persuasão de que o autor é capacitado a falar do país, já que ele aparente estar “por dentro” de sua atualidade e de sua história.

Ao mesmo tempo, retomando a diferenciação entre a Carta em inglês e em português, podemos apresentar mais um exemplo em relação a legitimação construída ao redor de Manson. A tradução diz que: “eu tinha muitas teorias sobre o sistema de governo” (MANSON, 2016), enquanto o enunciador fala na versão original: “I’ve had theoretical conversations about systems of government,” (MANSON, 2016), seguido da afirmação de que “These are clearly

some valid explanations for the problems” (MANSON, 2016), que é suprimido da versão traduzida. O sentido original garante uma impressão que o autor da narrativa compreende que elementos, como o colonialismo, são eficientes para explicar o problema no país, já que ele tinha conversas teóricas com outras pessoas sobre isso. Por outro lado, a tradução garante um tom de sabedoria ao narrador, ao ponto que seria ele quem teria teorias sobre o governo, e ignora a consideração de que aquelas seriam, de acordo com o narrador na versão em inglês, explicações válidas para os problemas brasileiros. A mudança na fala é ideológica ao ponto que define um sistema de representação distinto à carta em inglês e português, e esse sistema de representação garante legitimidade ao enunciador.

Em segundo lugar, é importante também verificar que o texto utiliza termos como “países mais desenvolvidos” e “sociedade que funciona”. Essa referência aos “gringos” e principalmente aos países considerados desenvolvidos é responsável por fazer exatamente recontar e reforçar uma ordem aparente, mas não real, de como o Brasil seria inferior aos costumes dos outros países. Nesse sentido, a estratégia de *narrativização* apresenta-se como crucial na organização enunciativa da Carta. Ela seria então responsável pela construção de um relato que tenta fazer sentido e conquistar atenção, edificando a validade para a fala presente na Carta.

É relevante também considerar as relações sociais que possibilitam que o enunciador chegue às conclusões inseridas em seu relato. Em vários momentos da sua construção narrativa, o estadunidense relata suas relações sociais:

Durante esse tempo em que estive aqui, eu conheci muitos brasileiros que me perguntavam: “Por que? Por que o Brasil é tão ferrado? Por que os países na Europa e América do Norte são prósperos e seguros enquanto o Brasil continua nesses altos e baixos entre crises década sim, década não? (...) Muita gente provavelmente vai achar essa minha conclusão meio ofensiva, mas depois de trocar várias ideias com alguns dos meus amigos, eles me encorajaram a dividir o que eu acho com todos os outros brasileiros. (MANSON, 2016)

Podemos considerar como esses brasileiros e amigos auxiliaram Manson na edificação de suas convicções a respeito do brasileiro. É preciso considerar que essas conversas possuem efeito não apenas no encorajamento do estadunidense a publicar seu relato, mas também na materialização de práticas sociais de forma ideológica que permitem que o ator discursivo produza sentido em relação a nacionalidade brasileira. Além disso, nesse ato identificamos o autor em sua busca para se colocar como uma fala autorizada, já que ele foi solicitado e convidado por brasileiros para relatar suas opiniões sobre o Brasil.

Em terceiro lugar, o fundamento carismático de Mark Manson é construído durante todo seu relato. O estadunidense desenvolve uma conversa com o “brasileiro-destinatário”, forjando uma sensação de honestidade, que ele se importa com o Brasil, numa relação de proximidade que conquista o interlocutor com o intuito de fazer-se confiável. Essa busca por carisma pode ser evidenciada em uma das últimas passagens da Carta: “Você tem uma alegria que é rara e especial, Brasil. Foi isso que me atraiu em você muitos anos atrás e que me faz sempre voltar. Eu só espero que um dia essa alegria tenha a sociedade que merece” (MANSON, 2016). O próprio fato de Manson escrever para a segunda pessoa do singular, utilizando o “você”, é um método de desenvolver o carisma e trabalhar a relação autor-interlocutor, já que este ato aproxima-o do leitor.

Considerando o modelo comunicacional de análise do discurso proposto por Charaudeau (2009), convém analisarmos a situação de comunicação da Carta, avaliando agora a identidade social e a identidade discursiva de Manson, assim como as estratégias de legitimação, credibilidade e captação presentes na narrativa da Carta. Ainda, devemos alinhar e identificar as competências comunicacionais, semânticas, discursivas e semiolinguísticas utilizadas para construir seu discurso e seus argumentos. A partir desse processo complexo, seremos capazes de compreender a edificação da influência discursiva de Mark Manson, sendo essa a responsável pela garantia da autoridade do narrador da Carta.

Manson utiliza de forma estratégica sua identidade social para constituir-se como hierarquicamente superior, numa tentativa de que sua fala seja reconhecida e legitimada. A Carta ser escrita por um estadunidense é utilizada então pelo enunciador como uma estratégia discursiva de legitimação, determinando a identidade social do autor. Durante a Carta, essa identidade perpassa a ideia do “gringo”, daquele que não é brasileiro, e garante uma posição de poder decorrente de uma relação de dominação ideológica pré-concebida pela sociedade. Dessa forma, Manson, ao evidenciar que é um “gringo” logo no início de sua Carta, está tentando criar um ambiente propício para a escuta e concordância dos brasileiros.

De acordo com Charaudeau “(...) a identidade social não explica a totalidade da significação do discurso, pois seu possível efeito de influência não está inteiramente dado por antecipação (...)” (CHARAUDEAU, 2009, s/p). Neste sentido, vemos na prática como a identidade social, de forma isolada, não basta para fornecer as instruções necessárias para Manson se apresentar como narrador. Com isso, convém pensarmos em sua identidade discursiva.

Considerando ainda o ato de Manson ao autointitular-se gringo, identificamos a edificação de sua identidade discursiva utilizando a estratégia de credibilidade. Ao fazer recorrentes referências a si mesmo durante a carta, há uma tentativa do enunciador de mostrar ao seu leitor sua sinceridade, para que esse seja persuadido pelos argumentos da narrativa. Ao afirmar, por exemplo “eu não quero parecer o gringo que sabe tudo, até porque eu não sei” (MANSON, 2016), o autor busca persuadir seu leitor a partir do que Charaudeau (2009) identifica como estratégia de credibilidade ao redor da atitude do engajamento. Este ato, como tomada de posição, não apenas distancia a narrativa como uma fala que é obrigatoriamente verdade, mas que possui valor de verdade. Também, a afirmação de Manson pretende tirar do autor a responsabilidade pela veracidade de suas afirmações. Ao mesmo tempo, a busca pela atitude do engajamento evidencia que se trata da posição do blogueiro a partir de suas convicções, o que traz também valor a Carta.

A identidade discursiva de Manson promove, durante a organização enunciativa, várias estratégias discursivas de credibilidade e captação do leitor. Dessa forma, é identificada na Carta atos com atitudes de engajamento, afirmando a convicção do autor a respeito de sua fala, buscando captar o interlocutor através de uma sedução que traz identificação, para que o “brasileiro-destinatário” confie em sua fala. Um elemento relevante é sua busca por adesão ao redor do apoio em outros países, que desenvolve a também a estratégia discursiva de credibilidade de Manson. Essa estratégia também é pautada pelo conhecimento que o autor afirma ter e produz sentido de referência do autor, garantindo-lhe credibilidade e legitimidade. Baseado também em falas como “qualquer outro país onde eu já estive”, “a maioria dos gringos” e até mesmo “muitos gringos acham os brasileiros preguiçosos”, identificamos a tentativa de construir um sentido de que o redator da carta possui grande conhecimento sobre outros estrangeiros e outros países. As falas passam a imagem de que o autor conversou e conheceu muitas pessoas, países e costumes, o que lhe daria autoridade para se posicionar.

No início desse eixo de análise, quando falamos a respeito da abordagem de fatos históricos, contextuais para construção de argumentos de Mark Manson, aquela fala não se limita a racionalização que falamos anteriormente. É possível identificar também, naquele momento, o autor construindo sua identidade discursiva através de uma estratégia de credibilidade ao redor de uma atitude de engajamento com o “brasileiro-destinatário”. Conforme tratado em nossa discussão prévia com o suporte de Charaudeau (2009), a tomada de posição de Manson e o uso de determinados fatos históricos é um ato que facilita uma

avaliação do “brasileiro-destinatário” sobre um locutor que tem convicção no que diz, adicionando valor de verdade em sua fala.

Recuperar os fundamentos carismáticos analisados acima também é conveniente. A relação de amizade que ele busca com seu leitor é também ato importante de sua construção de sua identidade discursiva ao ponto que ele utiliza uma estratégia de captação que visa a sedução. A carta é finalizada com a afirmação de que aquele relato é feito “com o amor que só um amigo pode falar”, e que o Brasil “será parte da minha vida para sempre” e auto titulando-se “seu amigo”. Aproximando-se do leitor, o enunciador busca responder o questionamento proposto por Charaudeau sobre “como fazer para que o outro seja tomado pelo que digo” (CHARAUDEAU, 2009). Cabe a nós, também, avaliar a interferência no elemento afetivo no relato de Manson. O autor afirma, ao se dirigir diretamente ao Brasil, que “você será parte da minha família. Você será meu amigo. Você será metade do meu filho quando eu tiver um. E é por isso que eu sinto que preciso dividir isso com você de forma aberta, honesta, com o amor que só um amigo pode falar francamente com outro (...) (MANSON, 2016). As falas que buscam aproximações e falam de maneira gentil permitem que o leitor se identifique com o locutor da Carta, assegurando que ele compartilhe a ideia presente na narrativa, num ato de persuasão.

Podemos identificar também outro trecho relevante para a construção da identidade discursiva através da estratégia de captação no sentido da dramatização: “Como um gringo que geralmente não liga a mínima sobre o que as pessoas pensam de mim, eu acho muito difícil não enxergar tudo isso como uma forma de desrespeito e auto sabotagem” (MANSON, 2016). Ao falar de si mesmo novamente e colocar-se no lugar do outro — outro esse estadunidense, que o brasileiro costuma valorizar — é proposto um ato que busca impressionar seu leitor de forma dramática. O fato dele “não ligar a mínima” diria, então, muito do que ele acredita. No caso, dá a entender que ele falaria mesmo se fossem criticá-lo. Assim, deve-se supor que ele esteja sendo honesto em seu relato.

Além das estratégias de legitimação, credibilidade e captação utilizadas por Manson, como abordamos previamente, devemos trabalhar também as competências comunicacional, semântica, discursiva e semiolinguística utilizadas no discurso da Carta Aberta ao Brasil, que garantem sua influência discursiva e uma futura legitimação perante seu leitor.

Verificando a competência comunicacional, também conhecida como situacional, nos atemos ao blog em que a Carta Aberta foi postada. Portanto, para produção de sentido e

influência discursiva, é considerado como o texto foi estruturado para gerar compreensão de seus leitores, compreendendo as restrições que o formato do blog propõe, delimitando a Carta a uma narrativa escrita, com determinado tamanho de conteúdo que permita atrair seus leitores para lerem a Carta do início ao fim. Além disso, para reconhecimento da situação de comunicação, o autor precisou pensar nos parceiros que leriam sua carta, considerando seu lugar nessa relação comunicacional com o brasileiro que seria pautado na carta, como discutimos no eixo anterior. Para isso, o autor desenvolve um relato pessoal, utilizando o pronome pessoal “você”. A partir da compreensão e boa aplicação do texto na determinada situação comunicacional, é possível garantir a compreensão da carta.

Deve ser levado em conta também a competência semântica para garantir a legitimidade da Carta. No caso, considerando uma Carta publicada originalmente no inglês, foi essencial a preocupação sobre como os interlocutores falam e compreendem uma língua e palavras específicas. A identidade social do interlocutor precisou ser considerada, a fim de garantir essa troca linguageira eficaz. Nesse caso, foi necessário traduzir o texto para o português, possibilitando que o leitor que fala português pudesse entender. Assim, a competência semântica na Carta Aberta ao Brasil é proposta pela tradução feita pela chamada Fê Neute. Assim, a competência semântica da carta cabe a Manson ao escrever a Carta de forma compreensível em sua língua natal, o inglês, mas também a Fê, que é a tradutora e possibilitou a compreensão dos níveis textuais, gramaticais e lexicais na Carta em português. Assim, fez-se com que o enunciado da carta também fizesse sentido ao leitor brasileiro, que compreende a língua e estruturação da fala em português.

Da mesma forma, Manson sendo um blogueiro que escreve, apresenta em seu relato sua competência discursiva, numa organização de sentido que apresenta referências, argumentos e uma narrativa acolhedora. Com isso, o conhecimento do autor busca produzir sentido ao leitor, garantindo a legitimação da narrativa. Esse é um ponto em que a identidade discursiva de Manson se apresenta, já que a fala é determinada a partir de seus direcionamentos, sua forma de se dirigir ao leitor, a sua maneira de valorizar seus argumentos e pontos de vista.

Por fim, a competência semiolinguística fica responsável na Carta para construir um sentido conjunto da narrativa, incorporando a identidade social e discursiva de Manson. Aí, devemos considerar o gênero textual dissertativo-argumentativo, ao mesmo tempo expositivo, muito comum em publicações de blog que são opinativas. O uso a terceira pessoa do singular,

o “você”, e variando entre o presente do indicativo e o imperativo, também é comum e permite a construção de sentido da Carta.

O poder de influência de Mark Manson se dá exatamente na estruturação entre sua identidade social e sua identidade discursiva, que é construída através das expressões presentes na Carta e que evidenciamos aqui acima. Assim, a legitimação da carta não se daria apenas se Mark Manson apresentasse sua identidade social e ignorasse a identidade discursiva. O contrário também vale, pois apenas a identidade discursiva fosse postulada no relato, sem apoiar-se na identidade social do narrador da Carta, a Carta também poderia não ter o mesmo efeito sobre seu público, passando a ter uma influência discursiva diferente. Todas as competências e estratégias acima discorridas são ativas, portanto, na construção da influência discursiva do autor. Além disso, a influência discursiva deve ser pensada em relação as condições que ela é imposta, considerando seu interlocutor e a forma como a influência é exercita sobre ele. Assim, se dá, dentro da narrativa da Carta Aberta ao Brasil, a construção do “brasileiro-destinatário” e “brasileiro-problema”, num processo de interlocução que constrói sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando meu problema de pesquisa, concentrado na análise da construção de sentido e da representação de brasileiro na narrativa o post “Uma Carta Aberta ao Brasil”, do blogueiro estadunidense Mark Manson, foi possível chegarmos aos achados a seguir. Articulando esse objeto à discussão sobre a construção de sentido e legitimidade na narrativa de um post, contando também com o suporte dos conceitos de ideologia e representação, interpelação do outro, interação verbal, construção de alteridade e identidade discursiva, nossa reflexão permitiu identificar que a Carta faz parte de um contexto específico, presente em um momento temporal que valoriza e legitima blogueiros e suas opiniões, possibilitando a circulação de discursos como o de Manson.

É também importante levarmos em consideração o momento temporal brasileiro em 2016 para a Carta ser veiculada. O ponto alto do processo de impeachment da até então presidente Dilma Rousseff apresenta-se favorável para a replicação de um discurso relativo aos problemas brasileiros. A Carta é publicada em um momento em que discursos inflados e opiniões sobre insatisfação do governo do Partido dos Trabalhadores eram destacadas através das mídias sociais, em atos de desaprovação da situação política do país.

Na Carta, é construída a alteridade dos brasileiros de forma ideológica. As figuras de alteridade são desenvolvidas de forma a estigmatizar o brasileiro num processo de emparelhamento dos seus cidadãos que promove uma desvalorização social e uma inferioridade brasileira. Repleta de julgamentos morais e caráter unificador, a Carta constrói “vítimas” e culpados, insere determinismos sociais na argumentação, considera a coletividade de forma ampla e desconsidera os elementos diferenciadores entre os brasileiros.

Podemos inferir, a partir da discussão proposta ao redor do eixo de análise “Os interlocutores da Carta Aberta ao Brasil”, que o jogo discursivo ao redor dos sujeitos envolvidos na narrativa toca três interlocutores: o enunciador, o leitor da carta original em inglês e o leitor brasileiro ideal. O enunciador avalia o mundo a partir das representações que acumulou devido ao seu conhecimento prático e considerando sua realidade ideal. É criada assim o princípio de alteridade na Carta, pois a narrativa de Manson, apesar de ser destinada ao brasileiro, diz do próprio enunciador, daquilo que ele é e acredita ser certo. A individualidade do narrador depende, portanto, desse brasileiro.

O jogo discursivo da Carta possui também uma expectativa perante um leitor estrangeiro. Considerando o blog de Manson, que é totalmente em inglês, e a própria versão

original da Carta, é relevante para nós o espaço desse interlocutor na narrativa. As diferenças entre a versão original e em inglês do nosso objeto mostram que a narrativa original é escrita falando sobre o Brasil, como se estivesse explicando-o aos estrangeiros. No compartilhamento de linguagem, subjetividades e representações, a Carta prevê que esse estrangeiro compreenda a narrativa e a concordância com a crítica ao brasileiro. Mais do que um relato de um “amigo” ao Brasil, a Carta é também uma narrativa que expõe o Brasil aos leitores estrangeiros a partir de considerações individuais e deterministas. Dá-se assim a repressão que estigmatiza e constrange a figura de alteridade brasileira a partir de ideias que seriam compartilhados pelos sujeitos que fariam parte do que o narrador considera uma “sociedade que funciona”.

A expectativa do enunciador da Carta vai além desse leitor estrangeiro, passando também pelo terceiro interlocutor, um leitor ideal brasileiro. Nosso objeto de análise possui um sujeito essencial ao qual Manson se refere: o “brasileiro-destinatário” é recrutado na narrativa a partir das expectativas do narrador, sendo então os sujeitos ao qual a Carta é endereçada. A este sujeito, os argumentos referentes ao “brasileiro-problema” são evidenciados de forma com que a Carta funcione como um “despertar” da consciência desse brasileiro sobre os problemas que, no fim, embora ele não seja culpado, ele seria conivente. Concluímos que o destinatário da Carta em português seria um brasileiro conservador, que discordaria do governo da presidente Dilma Rousseff e do PT, que não concorda com as políticas públicas implementadas pelo governo e que se consideraria correto e superior aos demais brasileiros.

De acordo com a discussão proposta no eixo “os problemas brasileiros”, identificamos que os argumentos-chave identificados na Carta promovem certa visibilidade e invisibilidade de determinados elementos que, projetando os valores do narrador, seriam os problemas brasileiros. Na argumentação, o enunciador estabelece dominação a partir dos modos de operação da ideologia para mobilizar sentido à Carta. Os problemas brasileiros comparam e opõem o brasileiro com o estrangeiro, reforçam uma ordem aparente, padronizam e desvalorizam os cidadãos e ignoram a complexidade social no Brasil.

Conforme discorremos no eixo “Construção dos brasileiros na Carta”, as categorias “brasileiro-destinatário” e “brasileiro-problema” que identificamos como as figuras de alteridade da Carta não podem ser ligadas ao real, pois são postuladas a partir das expectativas do narrador. Essas duas opções de brasileiros são responsáveis pelo emparelhamento do brasileiro na narrativa. O relato é então uma crítica a esse “brasileiro-problema”, identificando-

o e estigmatizando-o como o responsável pelos problemas nacionais de forma incisiva e constante, baseada em argumentos opinativos e repletos de operações ideológicas.

De forma geral, a Carta hierarquiza os sujeitos brasileiros num processo de constrangimento repressivo e preconceituoso que apaga a complexidade do quadro social. A narrativa busca instituir realidade através de um evidente caráter inventivo sobre o Brasil. A narrativa, no final, conclui que nenhum brasileiro seria bom o suficiente, de forma que todos deveriam ser estimulados a evoluir.

Concluimos a partir do eixo 4 “A legitimidade de Mark Manson” que a organização enunciativa da Carta se esforça para apresentar o enunciador como autoridade, criando um lugar de saber e edificando valor de verdade aos problemas brasileiros pautados. Para garantir engajamento dos leitores na relação comunicacional, a construção narrativa trabalha o carisma do narrador, aproximando-o do leitor. Na iminente tentativa de conquistar atenção e validade, o relato é preenchido por estratégias discursivas que tentam engajar, seduzir, falar com convicção e impressionar.

De forma geral, a Carta Aberta ao Brasil é um exemplo entre milhares do fenômeno possibilitado pela internet, mídias sociais e blogueiros e também especificamente do contexto brasileiro em que a Carta foi publicada. Mark Manson é um entre tantos dos exemplos de blogueiros da nossa época em que edificam legitimidade através de opiniões pessoais. A narrativa reforça ordens aparentes relacionadas a expectativas pessoais de seu enunciador e a ideais estrangeiros. Apesar de se apresentar como aberta, a Carta não é tão aberta assim, já que possui um interlocutor específico ao qual é destinada. Concluimos assim que a Carta é uma produção de discurso homogeneizante, que constrói sentido apoiando-se em sentidos comuns e julgamentos morais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação social: uma genealogia do conceito**. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 23, p. 122-138, jul/dez. 2004.

BAKHTIN, Mikhail . **A Interação Verbal** . In: marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucited, 2009.

BERTOLINO, Isabela Cerri. **O poder das jovens blogueiras como formadoras de opinião na atualidade**. 2010. 65f. Dissertação (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Marketing). Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FATECS) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bistream/123456789/1911/2/20726070.pdf>>.

BRAGA, José Luiz. **“Lugar de Fala” como conceito metodológico no estudo de produtos culturais**. In: Mídias e processos socioculturais. São Leopoldo: UNISINOS, 2000, p.159-184

CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva**, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em : <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 7 jun 2017.

DIONÍZIO, Priscila Martins: **Entre mundos: um encontro com o outro na tessitura da narrativa jornalística**. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: UNESP, Editora Boitempo, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

JODELET, Denise. Représentations sociales: une domaine en expansion. In : JODELET, Denise. (ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, p. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzoti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzoti. UFRJ, dez. 1993.

MANSON, Mark. **Uma Carta Aberta ao Brasil**. Disponível em: <https://markmanson.net/brazil_pt > Acesso em: 06 out. 2016

_____ **An open letter to Brazil**. Disponível em : <https://markmanson.net/brazil> Acesso em: 27 jul. 2017

MOSCOVICI, Serge. **Das representações coletivas às representações sociais**: elementos para uma história. In. JODELET, D. ULUP, L. (orgs.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 45-66.

Google Trends. Mark Manson. Disponível em: <<https://www.google.com.br/trends/explore?q=mark%20manson>> Acesso em: 19 nov. 16.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento** . Campinas: Pontes Editores, 2008

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 07-72

ANEXOS

Uma Carta Aberta ao Brasil

Querido Brasil,

O Carnaval acabou. O “ano novo” finalmente vai começar e eu estou te deixando para voltar para o meu país.

Assim como vários outros gringos, eu também vim para cá pela primeira vez em busca de festas, lindas praias e garotas. O que eu não poderia imaginar é que eu passaria a maior parte dos 4 últimos anos dentro das suas fronteiras. Aprenderia muito sobre a sua cultura, sua língua, seus costumes e que, no final deste ano, eu me casaria com uma de suas garotas.

Não é segredo para ninguém que você está passando por alguns problemas. Existe uma crise política, econômica, problemas constantes em relação à segurança, uma enorme desigualdade social e agora, com uma possível epidemia do Zika vírus, uma crise ainda maior na saúde.

Durante esse tempo em que estive aqui, eu conheci muitos brasileiros que me perguntavam: “Por que? Por que o Brasil é tão ferrado? Por que os países na Europa e América do Norte são prósperos e seguros enquanto o Brasil continua nesses altos e baixos entre crises década sim, década não?”

No passado, eu tinha muitas teorias sobre o sistema de governo, sobre o colonialismo, políticas econômicas, etc. Mas recentemente eu cheguei a uma conclusão. Muita gente provavelmente vai achar essa minha conclusão meio ofensiva, mas depois de trocar várias ideias com alguns dos meus amigos, eles me encorajaram a dividir o que eu acho com todos os outros brasileiros.

Então aí vai: é você.

Você é o problema.

Sim, você mesmo que está lendo esse texto. Você é parte do problema. Eu tenho certeza de não é proposital, mas você não só é parte, como está perpetuando o problema todos os dias.

Não é só culpa da Dilma ou do PT. Não é só culpa dos bancos, da iniciativa privada, do escândalo da Petrobras, do aumento do dólar ou da desvalorização do Real.

O problema é a cultura. São as crenças e a mentalidade que fazem parte da fundação do país e são responsáveis pela forma com que os brasileiros escolhem viver as suas vidas e construir uma sociedade.

O problema é tudo aquilo que você e todo mundo a sua volta decidiu aceitar como parte de “ser brasileiro” mesmo que isso não esteja certo.

Quer um exemplo?

Imagine que você está de carona no carro de um amigo tarde da noite. Vocês passam por uma rua escura e totalmente vazia. O papo está bom e ele não está prestando muita atenção quando, de repente, ele arranca o retrovisor de um carro super caro. Antes que alguém veja, ele acelera e vai embora.

No dia seguinte, você ouve um colega de trabalho que você mal conhece dizendo que deixou o carro estacionado na rua na noite anterior e ele amanheceu sem o retrovisor. Pela descrição, você descobre que é o mesmo carro que seu brother bateu “sem querer”. O que você faz?

A) Fica quieto e finge que não sabe de nada para proteger seu amigo? Ou B) Diz para o cara que sente muito e força o seu amigo a assumir a responsabilidade pelo erro?

Eu acredito que a maioria dos brasileiros escolheria a alternativa A. Eu também acredito que a maioria dos gringos escolheria a alternativa B.

Nos países mais desenvolvidos o senso de justiça e responsabilidade é mais importante do que qualquer indivíduo. Há uma consciência social onde o todo é mais importante do que o bem-estar de um só. E por ser um dos principais pilares de uma sociedade que funciona, ignorar isso é uma forma de egoísmo.

Eu percebo que vocês brasileiros são solidários, se sacrificam e fazem de tudo por suas famílias e amigos mais próximos e, por isso, não se consideram egoístas.

Mas, infelizmente, eu também acredito que grande parte dos brasileiros seja extremamente egoísta, já que priorizar a família e os amigos mais próximos em detrimento de outros membros da sociedade é uma forma de egoísmo.

Sabe todos aqueles políticos, empresários, policiais e sindicalistas corruptos? Você já parou para pensar por que eles são corruptos? Eu garanto que quase todos eles justificam suas mentiras e falcaturas dizendo: “Eu faço isso pela minha família”. Eles querem dar uma vida melhor para seus parentes, querem que seus filhos estudem em escolas melhores e querem viver com mais segurança.

É curioso ver que quando um brasileiro prejudica outro cidadão para beneficiar sua família, ele se acha altruísta. Ele não percebe que altruísmo é abrir mão dos próprios interesses para beneficiar um estranho se for para o bem da sociedade como um todo.

Além disso, seu povo também é muito vaidoso, Brasil. Eu fiquei surpreso quando descobri que dizer que alguém é vaidoso por aqui não é considerado um insulto como é nos Estados Unidos. Esta é uma outra característica particular da sua cultura.

Algumas semanas atrás, eu e minha noiva viajamos para um famoso vilarejo no nordeste. Chegando lá, as praias não eram bonitas como imaginávamos e ainda estavam sujas. Um dos pontos turísticos mais famosos era uma pedra que de perto não tinha nada demais. Foi decepcionante.

Quando contamos para as pessoas sobre a nossa percepção, algumas delas imediatamente disseram: “Ah, pelo menos você pode ver e tirar algumas fotos nos pontos turísticos, né?”

Parece uma frase inocente, mas ela ilustra bem essa questão da vaidade: as pessoas por aqui estão muito mais preocupadas com as aparências do que com quem eles realmente são.

É claro que aqui não é o único lugar no mundo onde isso acontece, mas é muito mais comum do que em qualquer outro país onde eu já estive.

Isso explica porque os brasileiros ricos não se importam em pagar três vezes mais por uma roupa de grife ou uma jóia do que deveriam, ou contratam empregadas e babás para fazerem um trabalho que poderia ser feito por eles. É uma forma de se sentirem especiais e parecerem mais ricos. Também é por isso que brasileiros pagam tudo parcelado. Porque eles querem sentir e mostrar que eles podem ter aquela super TV mesmo quando, na realidade, eles não tenham dinheiro para pagar. No fim das contas, esse é o motivo pelo qual um brasileiro que nasceu pobre e sem oportunidades está disposto a matar por causa de uma motocicleta ou sequestrar alguém por algumas centenas de Reais. Eles também querem parecer bem sucedidos, mesmo que não contribuam com a sociedade para merecer isso.

Muitos gringos acham os brasileiros preguiçosos. Eu não concordo. Pelo contrário, os brasileiros tem mais energia do que muita gente em outros lugares do mundo (vide: Carnaval).

O problema é que muitos focam grande parte da sua energia em vaidade em vez de produtividade. A sensação que se tem é que é mais importante parecer popular ou glamouroso do que fazer algo relevante que traga isso como consequência. É mais importante parecer bem sucedido do que ser bem sucedido de fato.

Vaidade não traz felicidade. Vaidade é uma versão “photoshopada” da felicidade. Parece legal vista de fora, mas não é real e definitivamente não dura muito.

Se você precisa pagar por algo muito mais caro do que deveria custar para se sentir especial, então você não é especial. Se você precisa da aprovação de outras pessoas para se sentir importante, então você não é importante. Se você precisa mentir, puxar o tapete ou traír alguém

para se sentir bem sucedido, então você não é bem sucedido. Pode acreditar, os atalhos não funcionam aqui.

E sabe o que é pior? Essa vaidade faz com que seu povo evite bater de frente com os outros. Todo mundo quer ser legal com todo mundo e acaba ou ferrando o outro pelas costas, ou indiretamente só para não gerar confronto.

Por aqui, se alguém está 1h atrasado, todo mundo fica esperando essa pessoa chegar para sair. Se alguém decide ir embora e não esperar, é visto como cuzão. Se alguém na família é irresponsável e fica cheio de dívidas, é meio que esperado que outros membros da família com mais dinheiro ajudem a pessoa a se recuperar. Se alguém num grupo de amigos não quer fazer uma coisa específica, é esperado que todo mundo mude os planos para não deixar esse amigo chateado. Se em uma viagem em grupo alguém decide fazer algo sozinho, este é considerado egoísta.

É sempre mais fácil não confrontar e ser boa praça. Só que onde não existe confronto, não existe progresso.

Como um gringo que geralmente não liga a mínima sobre o que as pessoas pensam de mim, eu acho muito difícil não enxergar tudo isso como uma forma de desrespeito e auto-sabotagem. Em diversas circunstâncias eu acabo assistindo os brasileiros recompensarem as “vítimas” e punirem àqueles que são independentes e bem resolvidos.

Por um lado, quando você recompensa uma pessoa que falhou ou está fazendo algo errado, você está dando a ela um incentivo para nunca precisar melhorar. Na verdade, você faz com que ela fique sempre contando com a boa vontade de alguém em vez de ensiná-la a ser responsável.

Por outro lado, quando você pune alguém por ser bem resolvido, você desencoraja pessoas talentosas que poderiam criar o progresso e a inovação que esse país tanto precisa. Você impede que o país saia dessa merda que está e cria ainda mais espaço para líderes medíocres e manipuladores se prolongarem no poder.

E assim, você cria uma sociedade que acredita que o único jeito de se dar bem é traindo, mentindo, sendo corrupto, ou nos piores casos, tirando a vida do outro.

As vezes, a melhor coisa que você pode fazer por um amigo que está sempre atrasado é ir embora sem ele. Isso vai fazer com que ele aprenda a gerenciar o próprio tempo e respeitar o tempo dos outros.

Outras vezes, a melhor coisa que você pode fazer com alguém que gastou mais do que devia e se enfiou em dívidas é deixar que ele fique desesperado por um tempo. Esse é o único jeito que fará com que ele aprenda a ser mais responsável com dinheiro no futuro.

Eu não quero parecer o gringo que sabe tudo, até porque eu não sei. E deus bem sabe o quanto o meu país também está na merda ([eu já escrevi aqui sobre o que eu acho dos EUA](#)).

Só que em breve, Brasil, você será parte da minha vida para sempre. Você será parte da minha família. Você será meu amigo. Você será metade do meu filho quando eu tiver um.

E é por isso que eu sinto que preciso dividir isso com você de forma aberta, honesta, com o amor que só um amigo pode falar francamente com outro, mesmo quando sabemos que o que temos a dizer vai doer.

E também porque eu tenho uma má notícia: não vai melhorar tão cedo.

Talvez você já saiba disso, mas se não sabe, eu vou ser aquele que vai te dizer: as coisas não vão melhorar nessa década.

O seu governo não vai conseguir pagar todas as dívidas que ele fez a não ser que mude toda a sua constituição. Os grandes negócios do país pegaram dinheiro demais emprestado quando o dólar estava baixo, lá em 2008-2010 e agora não vão conseguir pagar já que as dívidas dobraram de tamanho. Muitos vão falir por causa disso nos próximos anos e isso vai piorar a crise.

O preço das commodities estão extremamente baixos e não apresentam nenhum sinal de aumento num futuro próximo, isso significa menos dinheiro entrando no país. Sua população não é do tipo que poupa e sim, que se endivida. As taxas de desemprego estão aumentando, assim como os impostos que estrangulam a produtividade da classe trabalhadora.

Você está ferrado. Você pode tirar a Dilma de lá, ou todo o PT. Pode (e deveria) refazer a constituição, mas não vai adiantar. Os erros já foram cometidos anos atrás e agora você vai ter que viver com isso por um tempo.

Se prepare para, no mínimo, 5-10 anos de oportunidades perdidas. Se você é um jovem brasileiro, muito do que você cresceu esperando que fosse conquistar, não vai mais estar disponível. Se você é um adulto nos seus 30 ou 40, os melhores anos da economia já fazem parte do seu passado. Se você tem mais de 50, bem, você já viu esse filme antes, não viu?

É a mesma velha história, só muda a década. A democracia não resolveu o problema. Uma moeda forte não resolveu o problema. Tirar milhares de pessoa da pobreza não resolveu o problema. O problema persiste. E persiste porque ele está na mentalidade das pessoas.

O “jeitinho brasileiro” precisa morrer. Essa vaidade, essa mania de dizer que o Brasil sempre foi assim e não tem mais jeito também precisa morrer. E a única forma de acabar com tudo isso é se cada brasileiro decidir matar isso dentro de si mesmo.

Ao contrario de outras revoluções externas que fazem parte da sua história, essa revolução precisa ser interna. Ela precisa ser resultado de uma vontade que invade o seu coração e sua alma.

Você precisa escolher ver as coisas de um jeito novo. Você precisa definir novos padrões e expectativas para você e para os outros. Você precisa exigir que seu tempo seja respeitado. Você deve esperar das pessoas que te cercam que elas sejam responsabilizadas pelas suas ações. Você precisa priorizar uma sociedade forte e segura acima de todo e qualquer interesse pessoal ou da sua família e amigos. Você precisa deixar que cada um lide com os seus próprios problemas, assim como você não deve esperar que ninguém seja obrigado a lidar com os seus.

Essas são escolhas que precisam ser feitas diariamente. Até que essa revolução interna aconteça, eu temo que seu destino seja repetir os mesmos erros por muitas outras gerações que estão por vir.

Você tem uma alegria que é rara e especial, Brasil. Foi isso que me atraiu em você muitos anos atrás e que me faz sempre voltar. Eu só espero que um dia essa alegria tenha a sociedade que merece.

Seu amigo,

Mark

Traduzido por Fernanda Neute